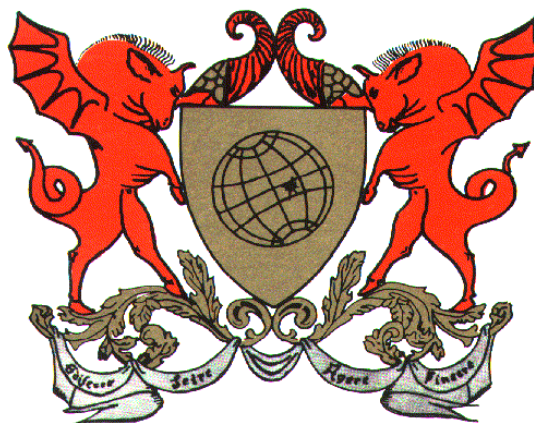


UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA – UFV

FREDERICO FERREIRA MARITAN



MONOGRAFIA

ENTRE EDITORIAIS E COLUNAS: OPINIÕES DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social / Jornalismo da UFV

2014

FREDERICO MARITAN

ENTRE EDITORIAIS E COLUNAS: OPINIÕES DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

Monografia apresentada no curso de Comunicação Social /Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Professor. Dr. Ernane Corrêa Rabelo

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social / Jornalismo da UFV

2014

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV 2009.
Universidade Federal de Viçosa Departamento de Artes e Humanidades Curso de
Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada Entre editoriais e colunas: opiniões do jornal *Folha de São Paulo*, de autoria do estudante Frederico Ferreira Maritan, banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

**Prof. Dr. Ernane Corrêa Rabelo – Orientador Curso de Comunicação Social/
Jornalismo da UFV**

Prof. Ms. Henrique Mazetti. Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

**Profa. Ms. Hideide Brito Torres – UFV Curso de Comunicação Social/ Jornalismo
da UFV**

Viçosa, 14 de fevereiro de 2014

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo verificar como ocorre a manifestação da opinião no jornal *Folha de São Paulo* por meio da seleção e análise das colunas e editoriais do caderno *A2 Opinião* do periódico. Auxiliado pelas teorias do jornalismo opinativo, os formatos de textos opinativos, a história do jornal *Folha de São Paulo* e da opinião na imprensa brasileira, a pesquisa quer responder a questão de como se relaciona a opinião do jornal e a opinião do colunista.

PALAVRAS-CHAVE

Opinião; Folha de São Paulo; colunas; editoriais. Jornalismo Opinativo.

ABSTRACT

This monograph aims to determine how the expression of opinion in the newspaper *Folha de São Paulo* through the selection and analysis of columns and editorials A2 page Review-Journal occurs. Aided by the theories of opinion journalism, opinion pieces formats, the history of the newspaper *Folha de São Paulo* and opinion in the Brazilian press, the research wants to answer the question as it relates to the opinion and the opinion of the newspaper columnist.

KEY-WORDS

Opinion; Folha de São Paulo; columns; editorials. Opinionated journalism

SUMÁRIO

	Páginas
INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO 1- História da <i>Folha de São Paulo</i>.....	02
1.1- Momentos importantes da Folha de São Paulo.....	06
CAPÍTULO 2- A opinião no jornalismo brasileiro.....	07
2.1- Formatos opinativos.....	12
2.2- Caracterização dos formatos opinativos.....	13
2.3- Opinião e notícia.....	16
CAPÍTULO 3- Análise de Conteúdo.....	18
CAPÍTULO 4- Metodologia.....	20
CAPÍTULO 5- Introdução dos dados.....	22
5.1- Colunas.....	24
5.2- Colunas de São Paulo.....	25
5.3- Colunas de Brasília.....	26
5.4- Colunas do Rio de Janeiro.....	29
5.5- Editoriais.....	31
5.6- Editoriais e colunas de maio.....	33
5.7- Editoriais e colunas de junho.....	38
5.8- Manifestações populares.....	38
5.9- Editoriais e colunas de julho.....	43
5.10- Editoriais e colunas de agosto.....	46
Considerações Finais.....	49
Referências Bibliográficas.....	50

Introdução

A opinião no jornalismo pode estar presente em variados tipos de formatos de textos. O editorial, a coluna, o artigo, a crônica, a charge a caricatura são algumas das formas em que se verificam como um profissional ou mesmo um grande periódico de circulação nacional se posiciona a respeito dos mais diversos temas cotidianos ou já ocorridos.

A *Folha de São Paulo* é um jornal de circulação nacional e que alguns formatos opinativos estão presentes. Com mais de 90 anos de história, a *Folha* passou por inúmeras transformações ao longo dos anos que fizeram dela um veículo informativo de muito prestígio dentro da imprensa brasileira e junto ao público leitor.

A *Folha* cobriu as mais variadas situações que obrigaram o jornal a se posicionar diante de acontecimento. Por pressões de governos, ou por força da população, a *Folha* emitiu suas opiniões ao longo de sua história. Mas qual a maneira de um periódico se posicionar criticamente diante de um fato? Quem são os responsáveis por emitir as opiniões do periódico? Até que ponto uma opinião pode ser considerada do jornal ou do profissional que a *Folha* publicou em suas páginas? Utilizando o jornal *Folha de São Paulo* de objeto de estudo e seus textos opinativos como as manifestações da opinião do periódico, além das teorias do jornalismo opinativo, a pesquisa parte desses pontos para responder a essas questões.

O confronto entre os textos opinativos editoriais e colunas ajudará a complementar as respostas para essas questões. Por ser considerado segundo o professor e jornalista Luiz Beltrão, o editorial como a “voz do jornal” e as colunas a opinião dos jornalistas, a partir da seleção desses textos presentes na *Folha de São Paulo*, seguido de uma comparação entre eles por meio da separação temática das colunas e editoriais, o enfrentamento dessas duas manifestações opinativas pode nos trazer conclusões a respeito da separação dessas duas formas de opiniões contidas em um jornal.

Um período de quatro meses de edições da *Folha* foi escolhido para enfim tentarmos responder as questões que existem a respeito da opinião de jornal propostas pela pesquisa.

CAPÍTULO 1- História da *Folha de São Paulo*

O jornal *Folha de São Paulo* iniciou suas atividades no ano de 1921, instalando sua redação na rua São Bento na capital paulista com a criação do periódico *Folha da Noite*, feita por Olival Costa e seu sócio Pedro Cunha. O jornal criado já se posicionava criticamente a respeito dos temas mais relevantes da época.

O livro *História da Folha de São Paulo* mostra esse posicionamento adotado pelo proprietário Olival Costa. “Seu Projeto, simples antes de tudo, era fazer da *Folha da Noite* um jornal informativo, para ser lido, que não precisasse ser guardado” (CAPELATO e MOTA, 1981,p.14-15).

A partir de julho de 1925, a *Folha da Noite* muda seu local para a Rua do Carmo e o grupo *Folha* lança a edição matutina com o nome de *Folha da Manhã*. No novo local passam a funcionar as oficinas de redação, revisão e escritórios de administração do periódico.

“Olival Costa concebeu um novo tipo de jornal. Um jornal onde tudo é notícia. O proprietário das *Folhas* representaria um ponto de referência marcante na história de liberdade de imprensa. Suas atitudes garantiam a liberdade e a segurança dos jornalistas com desvelo e até arrogância.” (CAPELATO e MOTA, 1981,p.18-23)

No ano de 1931, os dois jornais foram vendidos para o cafeicultor Octaviano Alves Lima e o posicionamento político do periódico também fora modificado. A partir dessa compra, o novo proprietário passa a defender os interesses da lavoura e do Liberalismo, além do lançamento de campanhas em prol da saúde pública. “A *Folha*, que sob o comando de Olival Costa se caracterizava por uma visão urbana e fiscalista, assumirá um caráter marcadamente rural, com a entrada do grupo de Octaviano Alves de Lima.” (CAPELATO e MOTA, 1981,p.55)

Na década de 40, outra mudança ocorre na *Folha da Manhã*. A empresa é vendida para José Nabantino Gomes, e sua política editorial também sofrera nova alteração. “O jornal adota a imparcialidade, com o conteúdo mais empresarial, mais propriamente burguês e urbano. A empresa estava consolidada, mas faltava-lhe a fisionomia profissionalizante”. (CAPELATO e MOTA, 1981, p.64).

“A falta de fisionomia profissionalizante seria solucionada pela elaboração das Normas de Trabalho da Divisão de Redação e o “Programa de Ação das Folhas, documentos básicos que definiam a empresa do ponto de vista político, ideológico, técnico e administrativo. Cartas de princípios, enfim. Essas 275 páginas que José Nabantino publicava para o conhecimento de todos e procurava debate-las, é necessário

registrar a verdadeira “escola” em que se transformavam as *Folhas* sob sua orientação”.(CAPELATO e MOTA, 1981,p.99-105)

Em 1949 a Redação do jornal muda para o endereço da Rua Cleveland em São Paulo, e no dia 1º de julho desse mesmo ano é lançada a primeira edição do jornal *Folha da Tarde*. Com isso, o Grupo Folha passava a ter três periódicos de circulação regular: *Folha da Noite*, *Folha da Manhã* e *Folha da Tarde*.

Até que no ano de 1960 os três jornais fundiram, e deram início a *Folha de São Paulo*. No ano de 1962, os empresários Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho assumiram a direção da Empresa *Folha da Manhã*, e começaram um trabalho de modernização tecnológica e aperfeiçoamento do seu parque gráfico.

A chegada de Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho fez com que ocorressem reformulações profundas e fracionadas dentro da empresa. Reformulações que são divididas em três etapas por Capelato e Mota: “a)1962\1967: reorganização financeira-administrativa e tecnológica; b) 1968\1974: a “revolução” tecnológica; c)1974\1984: definição de um projeto político cultural.” (CAPELATO e MOTA, 1981,p.188).

Frias e Caldeira foram os grandes responsáveis por esse salto de qualidade que a *Folha de São Paulo* recebeu quando passou a ser administrada pelos dois proprietários. Mario Sergio Conti relata em seu livro *Notícias do Planalto* (1999) que “Octavio Frias estava preocupado na transformação do jornal em uma instituição independente, lucrativa e influente.” (CONTI, 2012, p-227).

Por isso, Frias deu início a uma reforma editorial nos anos 70, descrita no livro de Mario Sergio Conti:

A reforma se estendeu de 1975 a 1977. Segundo Frias Filho, a ideia de publicar artigos de diferentes correntes de opinião, estimulando o debate nacional e tornando o jornal pluralista, foi de seu pai...Frias, que era dado à polêmica e promovia discussões em qualquer lugar. (CONTI,2012,p-228)

Seguindo o pensamento de Octavio Frias de estimular o debate nas páginas de seu jornal, em 1976 a *Folha* criou a seção *Tendências\ Debates*, um espaço no periódico que se encontravam ideias sobre variados temas em destaque. Essa seção foi importante no processo de redemocratização da sociedade brasileira, pois intelectuais e políticos perseguidos pelo regime militar brasileiro puderam expressar seus pensamentos em um jornal de circulação nacional.

“A seção *Tendências\ Debates* estimula a participação de personalidades da vida pública- parlamentares, dirigentes sindicais, autoridades religiosas, juristas cientistas

sociais- na crítica das questões suscitadas, onde desfilam temas e personagens que mobilizam a sociedade para a busca de alternativas institucionais e de soluções para os problemas fundamentais do país”. (MARQUES DE MELO, 2003, p-127).

Na década de 80, a *Folha de São Paulo* (FSP) assumiu a liderança na imprensa diária brasileira como o jornal de maior circulação no Brasil. Em 1984 o jornal ganhou mais destaque com sua política editorial a favor da Ementa Dante de Oliveira que propunha a eleição direta para presidente da república. A Ementa ficou conhecida como "Diretas Já". A Folha apoiou a abertura democrática do país com definição editorial própria, sintonizada com as demandas sociais que soube interpretar. (LAGO e ROMANCINI, 2007,p.160-161)

A preocupação da FSP de promover o debate e as discussões sobre os variados temas sob o ponto de vista de personalidades públicas, é algo que o periódico destaca em suas páginas:

A "independência da editorial da *Folha de São Paulo*, como de resto de toda a imprensa durante o regime militar, não se fez sem atropelos...Todavia, a empresa jornalística que a edita o jornal teve uma preocupação em consolidar-se financeiramente, de modo a garantir a independência do veículo de prestígio do grupo, a *Folha*. Assim quando as condições se mostraram favoráveis, isso permitiu tirar o máximo de vantagens em termos de identificação com o público. O caso das diretas é emblemático nesse sentido. (LAGO e ROMANCINI, 2007,p.161)

Na busca da consolidação de um jornalismo crítico, pluralista, apartidário e moderno, a FSP lançou em 1984 o *Manual da Redação*. Para isso, o site do jornal FSP destaca o pioneirismo na imprensa brasileira desse ação, com a seguinte frase: “Pela primeira vez, uma empresa jornalística lança um manual de jornalismo que condensa a concepção do jornal, da política editorial às fases de produção”.

Na edição de 2008, o *Manual da Redação* evidencia essa concepção de jornalismo definido como crítico, pluralista e apartidário. Assim como nos manuais anteriores, esses valores adquiriram a característica doutrinária que está impregnada na personalidade do jornal e que ajudou a moldar o estilo da imprensa brasileira nas últimas décadas. (MANUAL DA REDAÇÃO, 2008,p.16).

O *Manual de Redação* seria a síntese do projeto editorial que a FSP adotaria para complementar o *Projeto Folha*. “O *Projeto Folha* foi elaborado por meio de documentos feitos pelo Conselho Editorial do jornal em 1978 e tinha como objetivo proporcionar maior racionalidade à produção noticiosa, aumentando a qualidade informativa do material produzido”. (LAGO e ROMANCINI, 2007,p.161-163).

E a preocupação técnica do jornal seria correspondida em partes pelo *Manual de Redação*. “O *Projeto Folha* preocupou-se de maneira inédita na imprensa brasileira a “ideologia jornalística” do veículo, na qual, ao lado dos aspectos mais gerais como a defesa da livre iniciativa, encontraram expressão de ideias sobre como o jornal deveria ser: independente, crítico, apartidário, pluralista em termos de acolhimentos de opiniões. Outros pontos, como ênfase no didatismo e no serviço ao leitor seriam adicionados ao Projeto, em constante reformulação, nos anos subsequentes.” (LAGO e ROMANCINI, 2007,p.163).

No ano de 1990 a *Folha de São Paulo* sofreu uma perseguição política por parte do presidente da república na época Fernando Collor. “Em março daquele ano, agentes da Polícia Federal invadem a sede da *Folha* na busca de irregularidades administrativas da empresa. Em agosto de 1990, o então Ministro da Justiça Bernardo Cabral encaminhou a procuradoria da república um pedido de abertura de processo contra a *Folha de São Paulo*. a justificativa era de que o jornal iniciara uma campanha “no mínimo difamatória” contra o presidente.” (CONTI, 2012,p.248-449)

A partir desse episódio, a *Folha* seria o primeiro órgão da imprensa brasileira a pedir o impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, que renunciaria no final do ano de 1992. Em 1992, Octávio Frias de Oliveira passava a ter todo o controle acionário da empresa e a *Folha* passaria a ser o maior jornal de circulação paga aos domingos com uma média de 522.215 exemplares.

Em 1996, a *Folha* lançou o *Universo Online*. Esse espaço era a entrada do jornal no ambiente digital. O *Universo Online* era aberto a todo usuário da internet, e era o primeiro serviço online do país. Nele era possível a pesquisa por meio do mecanismo de busca de palavras dos textos integrais publicados nos últimos três anos pela *Folha*.

Em agosto de 1997, o grupo *Folha* elabora um novo projeto editorial com o intuito de refletir sobre a situação do jornalismo e o futuro do jornal. O projeto propõe um jornalismo mais interpretativo, complexo, desestatizado e humano.

Nos anos 2000, seguem as modernizações do jornal para que o periódico seja inserido no espaço virtual. A *FolhaWAP* é um serviço gratuito de noticiários e serviços do *Folha Online* para telefones celulares. O jornal em tempo real faz aumentar também seu número de colaboradores, para que possam suprir a demanda noticiária de seus usuários.

Em 2012, segundo os dados do IVC (Instituto Verificador de Circulação) a *Folha de São Paulo* teve tiragem no período do mês de outubro de 2012 de circulação

paga de suas edições de Domingos de 321.535 exemplares, enquanto que nos dias úteis da semana o periódico teve uma circulação de 297.927 exemplares, tendo assim uma média de entre segunda e domingo de 301.299 exemplares.

1.1- Momentos importantes da Folha de São Paulo

O jornal *Folha de São Paulo* ao longo de sua história passou por diversas modificações na condução de suas atividades jornalísticas e seu posicionamento em relação aos mais variados temas. A cada mudança de proprietário a opinião do periódico também era alterada. Seja na *Folha da Noite* de Olival Costa de característica oposicionista e fiscal do povo, passando pela *Folha da Manhã* que dava voz as elites agrárias de Octaviano Alves de Lima, o jornal deixava claro em seus editoriais suas posições.

Ao chegar à fase mais empresarial e desenvolvimentista de José Nabantino Ramos, e finalmente a busca da autonomia financeira e de um projeto político cultural feitas por Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho, a *Folha de São Paulo* passou por muitos momentos em que o jornal precisou tomar posições.

Uma passagem importante do período em que Olival Costa dirigiu o jornal foi da defesa do voto secreto, em que o jornal por meio das páginas da *Folha da Noite* em 21 de novembro de 1922:

As eleições são fraudulentas: daí a necessidade do voto secreto. O PRP é contra por considerar que o povo não está preparado para dar esse grande passo. (CAPELATO e MOTA, 1981, p.40)

Na revolução de 1930, a *Folha* adotou a posição contrária ao movimento, devido ao pensamento reformista do jornal. Assim a *Folha do Olival*¹ optou por ficar ao lado do estado de São Paulo, que fazia oposição ao movimento liderado por Getúlio Vargas.

Na fase em que a *Folha* tivera a defesa dos interesses dos cafeicultores como prioridade, o jornal deixa muito claro que era um órgão da lavoura. O periódico permitiu até que as assinaturas dos jornais poderiam ser pagas com sacas de café, como no anúncio da *Folha da Manhã* em 23 de janeiro de 1931:

Aos fazendeiros e sitiantes do interior...Um meio fácil de tomarem as assinaturas das “Folhas”... No intuito de facilitar aos fazendeiros e sitiantes a leitura da “Folha da Manhã” e da “Folha da Noite”, órgãos da Lavoura, a Empresa Folha da Manhã Ltd. Deliberou aceitar café como pagamento de assinaturas. (CAPELATO e MOTA, 1981, p.64)

¹ Nome de um subtítulo do capítulo *Os Primeiros tempos* do livro *História da Folha de São Paulo (1921-1981)* de Maria Helena Capelato e Carlos Guilherme Mota.

Até mesmo com políticos a *Folha* teve embates. É o caso do governador paulista Jânio Quadros que, durante o período em que a *Folha* estava em mãos de José Nabantino Ramos, moveu um processo judiciário contra o jornalista Armando Jimenez, que tinha publicado uma série de reportagens focalizando um contrabando ocorrido na Capital. “Nessas reportagens Jimenez escreveu com certo relevo que o guarda-livros do contrabandista exercia funções de ajudante de ordens do governador”. (CAPELATO e MOTA, 1981, p.111).

Com o movimento militar² de 1964, a *Folha* posiciona-se em relação ao que ocorreu em 31 de março de 64: ela se autodefinia liberal e democrática. “O artigo “Missão da Imprensa é informar e formar a opinião pública” assentavam-se alguns princípios que norteavam o periódico”. (CAPELATO e MOTA, 1981, p.193-194).

Assim, a sucessão dos atos institucionais feitos pelo governo militar prejudicava as atividades da *Folha*. A cada “AI” o jornal sofria duras repressões e era corriqueiro os censores do governo impedirem a publicação de determinadas notícias e reportagens. Prova desse conflito entre *Folha* e Governo Militar foi o *Caso Diaféria*.

Em setembro de 1977, o jornalista da *Folha* Lourenço Diaféria publicou uma crônica no jornal com o título “Herói. Morto. Nós”. “A crônica foi considerada ofensiva pelas Forças armadas, o que provocou a prisão de Diaféria e o espaço do jornal que o texto foi publicado, no dia seguinte deveria sair em branco. Após muita briga do periódico com o governo, a *Folha* reagiu deixando de publicar editoriais e alguns artigos, substituindo por um noticiário mais isento.” (CAPELATO e MOTA, 1981, p.235-236).

CAPÍTULO 2- A opinião no jornalismo brasileiro

A história da imprensa³ nasceu poucos anos antes da Independência do país em relação a Portugal. Com a transferência da Família Real portuguesa para o Brasil no ano de 1808, e conseqüentemente a formação do Império Luso-Brasileiro, criou as condições necessárias para que a imprensa brasileira surgisse.

“Comparado com outras regiões da América Espanhola, a imprensa brasileira se constituiu mais tardiamente que outras regiões da América. Regiões colonizadas pela

² Nomeação sugerida pelo *Manual da Redação* quando escrever nas páginas do jornal sobre a ditadura militar no Brasil. O manual ainda adverte a não usar *Revolução de 64*.

³ Por razões administrativas, os holandeses tentaram introduzir a tipografia no Nordeste do Brasil entre 1630 e 1655. Porém o tipógrafo escolhido para trabalhar no Recife morreu pouco depois de chegar ao Brasil. Não se sabe se o maquinário veio ou não. (LAGO e ROMANCINI, 2007,p.17)

Espanha como o México e o Peru já conheciam a imprensa muito antes. O México desde o ano de 1539 e o Peru em 1583”. (SODRÉ, 1999,p.10).

O motivo desse atraso pode ser explicado pelas condições encontradas pelos portugueses quando descobriram o Brasil. Os portugueses encontram comunidades primitivas, bem distantes da realidade vivida pelos descobridores. Os habitantes da terra não sabiam ler nem escrever, e os portugueses não tinham menor interesse em alfabetizar essa população. Já na América Espanhola, os espanhóis descobriram sociedades muito complexas culturalmente. Além disso, o interesse em aproveitar a mineração praticada pelos nativos contribuiu para que o colonizador espanhol instituísse suas atividades no novo continente.

A *Gazeta do Rio de Janeiro* pode ser considerada o primeiro exemplar do jornalismo brasileiro. O jornal surgiu no dia 10 de setembro de 1808 e comandado pelo redator frei Tibúrcio José da Rocha, tinha como característica um jornalismo "áulico", isto é, um jornalismo próximo da corte e pouco voltado à crítica da realidade do Brasil.

A criação *Gazeta* é lembrada por Nelson Werneck Sodré em *História da Imprensa no Brasil*. Segundo o autor, a *Gazeta do Rio de Janeiro* foi um jornal criado por iniciativa oficial e de caráter de publicações apenas informativo, muito pouco atrativo para o público. Sodré traz em seu livro a opinião de Armitage que situa bem o que era a *Gazeta do Rio de Janeiro*:

Por meio dela só se informava o público, com toda fidelidade, do estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofício...Não se manchavam essas páginas com as efervescências da democracia nem com a exposição de agravos. (SODRÉ, 1999,p.20)

O *Correio Brasiliense* ou *Armazém Literário* criado e editado por Hipólito da Costa era o “concorrente” da *Gazeta*. O *Correio* surgiu em junho de 1808 em Londres na Inglaterra. Sua impressão era feita em território inglês, de edição mensal, com mais de 100 páginas, geralmente 140 páginas. O conteúdo era de caráter doutrinário, muito mais do que informativo e de custo bem mais elevado quando comparado a *Gazeta do Rio de Janeiro*.

As publicações do *Correio Brasiliense* eram a favor dos princípios liberais, ao fim do trabalho escravo, a liberdade de expressão, ao fim da monarquia constitucional. Características modernas a um governo absolutista brasileiro, o que provocou a proibição de sua circulação no Brasil em 1809. Definido por Lago e Romancini como

um "jornalismo de ensaio", de reflexões sobre os aspectos, temas e questões da época, mais do que a publicação de um jornal noticiário, um jornalismo "combativo".⁴

Característica combativa destacada por Sodré em *História da Imprensa no Brasil*. Sodré fala da preocupação do *Correio* de “pesar na opinião pública e conquistar opiniões, aproximando do tipo de periodismo que hoje conhecemos como revista doutrinária, e não do jornal.” (SODRÉ, 1999,p.20).

“No período pré-independência, os jornais ganharam caráter mais opinativo, voltado para a posição política que o país deve adotar quando oficializa-se sua independência de Portugal. “O gênero predominante nos jornais era o artigo e essas publicações tinham um conteúdo mais doutrinário, parecido com os folhetos. Periódicos como o *Conciliador do Reino Unido* comandado por José da Silva Lisboa, futuro Visconde de Cairu, defendia a união do Brasil com Portugal.” (LAGO e ROMANCINI, 2007,p.30).

Já *O Espelho*, um jornal conservador que continha publicações do próprio Dom Pedro I, que usava vários pseudônimos como "Inimigo dos Marotos" e "Derrete-Chumbo-a-Cacete" publicar seus textos. E fazia um jornalismo de “crítica aos adversários do imperador.” (LAGO e ROMANCINI, 2007, p.33)

Outro jornal do período é o *Correio do Rio de Janeiro*, um periódico que defendia propostas mais democráticas ao país, como a convocação de uma assembleia constituinte de representação popular.

“Passando para o segundo reinado, a imprensa passa por uma série de transformações que irão levá-la a um padrão mais industrial, de caráter mais informativo do que opinativo e que seria concretizando com a Proclamação da República em 1889.” (LAGO e ROMANCINI, 2007,p.45)

Os jornais desse período tinham características panfletárias, de defesa de ideias presentes nas revoltas provinciais do início do reinado de Dom Pedro II. No fim do Segundo Reinado, a imprensa brasileira teve aspecto destacado, segundo Lago e Romancini, na campanha da Abolição da Escravatura e da Proclamação da República.

No início do período republicano do país em 1889, a imprensa tem como objetivo estruturar-se como empresa. “O jornal preocupa-se em vender assinaturas e divulgar anúncios, iniciativa criticada por muitos como “mercantilização da imprensa”.

⁴ Definição de Cláudia Lago e Richard Romancini presente no livro *História do Jornalismo no Brasil* para sintetizar o caráter das edições do *Correio Brasiliense* de Hipólito da Costa

É durante esse início de república que jornais como o *Estado de São Paulo*⁵, surgido após a Proclamação da República, e algumas décadas depois o jornal *Folha de São Paulo* iram ganhar força para suas atividades.” (LAGO e ROMANCINI, 2007,p.59-60)

“A mudança de conteúdo dos jornais brasileiros é ajudada pelo sepultamento do fazer da imprensa artesanal para uma produção mais industrial, mesmo que a imprensa brasileira ainda não estivesse adotado os equipamentos da época como telégrafos, rotativas, contrastando com a imprensa estrangeira que já possuía a infraestrutura empresarial da época.” (LAGO e ROMANCINI, 2007,p.68).

A produção dos jornais brasileiros se moderniza em meados da década de 1910, quando as rotativas modernas foram incorporadas a produção de jornais, fazendo com que os custos diminuíssem e aumentassem a tiragem dos jornais. “Os jornais passariam a ter mais páginas, haveria uma maior diversificação das notícias como as notícias voltadas para o público feminino e notícias esportivas, e conseqüentemente o jornalismo se tornaria mais massificado.” (LAGO e ROMANCINI, 2007,p.69-70).

A partir da Revolução de 1930, a imprensa brasileira novamente foi alterada. O novo governo passava a ser comandado por Getúlio Vargas e alguns jornais como a *Gazeta* e o *Jornal do Brasil* foram invadidos e passaram a sofrer censura por parte do governo Vargas.

O Estado de São Paulo por parte de seus governantes passou a questionar o excessivo poder repressivo federal e tentou uma frustrada revolução constitucionalista em 1932. “Jornais como *A Gazeta* e o *Estado de São Paulo* apoiaram o movimento constitucionalista.” (LAGO e ROMANCINI, 2007,p.98)

Em 1937, quando Getúlio Vargas instaura o Estado Novo, a imprensa em geral passar ser excessivamente censurada e alguns jornais e outros veículos de comunicação foram fechados por serem contrários ao governo de Vargas. O controle da imprensa brasileira era exercido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Lago e Romancini no livro *A História do Jornalismo no Brasil*, lembram que o governo federal até tentou comprar a opinião de jornais, como o caso de *O Estado de São Paulo*, que inclusive foi tomado pelo governo no ano de 1940, sob a alegação de que existiam armas dentro de sua sede.

⁵ *Estado de São Paulo* chamava-se antes do dia 1 de janeiro de 1890 a *Província de São Paulo*. A *Província* defendeu a Proclamação da República e Abolição da Escravatura, mudando seu nome para com o intuito de "saudar" a neófito República Brasileira. (LAGO e ROMANCINI, 2007,p.59)

Após o fim da era Vargas, o jornalismo brasileiro passou por algumas mudanças como as melhorias no seu padrão gráfico, que foi iniciada no *Jornal do Brasil*, que se difundiram por outros periódicos no país. Entre outras mudanças estavam a adoção do *lead*.

O *lead* ou lide é definido pelo *Manual da Redação: Folha de São Paulo* da seguinte forma:

O lide tem por objetivo introduzir o leitor na reportagem e despertar seu interesse pelo texto já nas linhas iniciais. Pressupõe que qualquer texto publicado no jornal disponha de um núcleo de interesse, seja este o próprio fato, uma revelação, uma ideia mais significativa de um debate, o aspecto mais curioso ou a declaração de um maior impacto ou originalidade de um personagem. (MANUAL DA REDAÇÃO, 2008, p.28)

Ricardo Noblat, em *A arte de se fazer um jornal diário* cita o livro *La Noticia* — pistas para perceber el mundo, para explicar o surgimento do *lead* na imprensa O *lead* derivou das dificuldades de comunicação dos jornalistas destacados para cobrir a Guerra da Secessão nos Estados Unidos no final do século XIX.

Eram muitos os jornalistas e poucas as linhas de telégrafo disponíveis para a transmissão de matérias. Os operadores de telégrafo então estabeleceram que cada jornalista poderia ditar um parágrafo, o mais importante de sua matéria.

Para Noblat, com o *lead* os textos se tornaram mais diretos, objetivos e limitados ao essencial. O *lead* para Noblat se torna um inimigo do prazer que a leitura de um texto pode proporcionar. Porque “inibe a imaginação e a criatividade dos jornalistas. E estimula a preguiça. Se as pessoas gostam de ouvir ou de ler histórias, como contá-las e escrevê-las com graça e esmero, se formos servos do *lead*.” (NOBLAT, 2008, p.84-85).

Em 1964 com o movimento militar, novamente os meios de comunicações sofreram repressões por parte do governo. Alguns jornais foram fechados e outros foram impedidos de publicar determinadas matérias. Em 1968 o governo militar põe em vigência o AI-5, o ato institucional que tornou a censura institucionalizada nos meio de comunicação. A censura prévia era uma prática comum, e o trabalho da imprensa estava totalmente interferido pelo governo.

Para tentar burlar a censura prévia feita, alguns jornais como o *Estado de São Paulo*, *Opinião* e *Movimento* tentavam cumprir suas funções publicando anúncios, cartas paródicas, receitas intragáveis em locais inusuais (no lugar do material censurado) como no caso de *Estado de São Paulo*. “Os jornais *Opinião* e *Movimento* utilizaram de métodos similares como faixas em negro, no caso deste, ou trechos da Declaração Universal dos Direitos do Homem.” (LAGO e ROMANCINI, 2007,p.130)

Em 1984, já no final do regime militar e início da abertura política, entidades da sociedade civil como a Organizações dos Advogados do Brasil (OAB) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) apoiaram a Ementa Constitucional Dante de Oliveira que pretendia instituir as eleições diretas no Brasil. “Destaque nesse período o jornal Folha de São Paulo que apoiava a abertura política do país rumo a uma definição editorial própria, sintonizada com as demandas sociais que soube interpretar.” (LAGO e ROMANCINI, 2007,p.160-161)

Com o fim de período militar que governou o país entre os anos de 1964 e 1985, a liberdade de imprensa volta a existir no Brasil. “Nesse novo período que o jornalismo brasileiro caracteriza-se por sofisticação técnica e mercadológica, além de forte capacidade em refletir e influenciar o país. Porém a atividade convive com sérios problemas estruturais, pois o jornalismo encontra-se em dificuldades de consolidar-se como uma instituição fiscalizadora do Poder Executivo.” (LAGO e ROMANCINI, 2007,p.168)

Os autores Cláudia Lago e Richard Romancini comentam essas dificuldades enfrentadas desde que o regime democrático é instituído no Brasil:

O jornalismo brasileiro viveu no período de redemocratização um momento de forte participação nas instâncias políticas e sociais. Noticiou e tentou explicar vários planos econômicos, ajudou a eleger e depois a derrubar um presidente- num processo inédito no Brasil- publicizando e, por vezes, apoiando ou criticando propostas que têm alterado o perfil do país. Apesar do aumento da liberdade de imprensa, nem sempre a atividade jornalística pautou-se por princípios que aumentassem a credibilidade do setor. (LAGO e ROMANCINI, 2007,p. 170)

Assim o jornalismo brasileiro, em especial seu setor opinativo tenta encontrar seu espaço na sociedade brasileira atual para que sua função crítica seja cumprida.

2.1- Formatos opinativos

Quais as características presentes em determinado texto que o caracterizam dentro de um formato opinativo? Qual a estrutura que faz com um texto seja classificado como uma categoria jornalística?

“A expressão da opinião não tomada naquele sentido de categorização das mensagens que pretendem explicitamente atribuir valor aos fatos, mas compreendida como mecanismo de direcionamento ideológico, corporifica-se nos processos jornalísticos através das incidências observadas no organismo social e que atendem as características de atual e novo.” (MARQUES DE MELO, 2003, p.74-75).

Luiz Beltrão estabelece um critério para que a opinião se manifeste. Para ele, “as ocorrências devem ser suscetíveis de opinião e o objeto de discussão seja questionável, isto é, ele tem de permitir uma opção ao sujeito entre duas ou mais alternativas, igualmente possíveis. Além disso, o grupo social precisa considerar o objeto passível de questionamentos, não um tabu.” (BELTRÃO, 1980, p.15-16).

Desse modo, os formatos opinativos existentes no jornalismo brasileiro obedecem a uma classificação que facilita os leitores e pesquisadores a identificar os diferentes modos de opinião. O pesquisador José Marques de Melo comenta sobre a necessidade da diferenciação das categorias de jornalismo informativo e opinativo originária das questões sociopolíticas de distinguir os fatos das suas versões, o mesmo que delimitar os textos que contém opiniões explícitas.

“Para que os gêneros opinativos sejam classificados em determinadas categorias de acordo com suas funções que desempenham ao público leitor, Luiz Beltrão separa os gêneros opinativos de acordo com os critérios de: informação, explicação e orientação. Beltrão categoriza obedecendo as tendências que marcam o movimento peculiar da atividade jornalística, acompanhando as mutações tecnológicas que marcam a sociedade.” (MARQUES DE MELO, 2003,p. 60).

Luiz Beltrão divide o jornalismo opinativo obedecendo um critério funcional nas categorias: *Editorial*, *Artigo*, *Crônica*, *Opinião Ilustrada* e *Opinião do Leitor*⁶. “Beltrão não se ateu à natureza de cada um dos gêneros (estilo\estrutura; narrativa\técnica de codificação), mas obedeceu ao senso comum que rege a própria atividade profissional, estabelecendo limites e distinções entre as “matérias.” (MARQUES DE MELO, 2003,p. 60).

2.2- Caracterização dos formatos opinativos

“O editorial é a voz do jornal. Ele apresenta uma dimensão de profundidade que além das noções de tempo e espaço que limitam a notícia. O editorialista ao escrevê-lo deve exprimir seu ponto de vista pessoal, funcionando como um porta-voz do jornal para que ele atinja a ira da comunidade, levando-a a manifestar-se e agir.” (BELTRÃO, 1980, p.52).

⁶ Categorias estabelecidas por Luiz Beltrão no livro *Jornalismo Opinativo* e citadas no livro *Jornalismo Opinativo: Gêneros Opinativos no Jornalismo Brasileiro*, de autoria de José Marques de Melo.

Marques de Melo compartilha da definição de Raúl Rivadeneira ⁷, complementando que “o editorial expressa a opinião da empresa e que esse gênero opinativo não reflete exatamente a opinião dos proprietários nominais do jornal, mas sim, um consenso das opiniões que emanam dos diferentes núcleos que participam da propriedade da organização.” (MARQUES DE MELO, 2003, p.103-104)

As características do editorial segundo Luiz Beltrão são: não ser assinado, por isso a utilização do texto escrito 3ª-pessoa do singular ou a primeira do plural; a topicalidade, isto é, a propriedade de exprimir não só a opinião sedimentada, mas também a opinião que está se formando; a plasticidade que é seu caráter persuasivo por excelência. Nessa característica o editor visa orientar os indivíduos por si e a comunidade em geral. A estrutura do editorial é uma das mais rígidas e simples em relação aos outros gêneros, sendo dividida em: 1) Título; 2) Introdução; 3) Discussão; 4) Conclusão.

“No caso do artigo, suas características quanto à topicalidade e estrutura são idênticas as do editorial. Os autores dos artigos não precisam ser necessariamente jornalista por formação, mas podem ser pensadores de diversos campos do conhecimento como escritores, políticos, especialistas em determinados assuntos e podem ser convidados a escrever por um jornal sem qualquer obrigação empregativa com o jornal empregador. O texto do articulista pode ou não ser a mesma opinião do jornal, como o caso do jornal *Folha de São Paulo* que insere no expediente ou sob a epígrafe da página em que os divulgam, o seguinte registro: "Os artigos publicados em assinaturas dos autores não traduzem necessariamente a opinião do jornal".” (BELTRÃO, 1980, p.65).

“O artigo ainda pode ser dividido em duas formas: o artigo (propriamente dito) e o ensaio. A diferença entre eles está na extensão (o artigo é um ensaio curto e o ensaio é um artigo longo) e também no tratamento ao tema indicado e sua argumentação. Enquanto o artigo contém julgamentos pouco definitivos e sua argumentação baseada no próprio conhecimento do articulista, o ensaio apresenta julgamentos mais definitivos e uma argumentação apoiada em fontes que se legitimam por sua credibilidade documental.” (MARQUES DE MELO, 2003, p.123)

Marques de Melo acrescenta mais uma seção de classificação de formatos opinativos que Luiz Beltrão não cita. “A Coluna é o formato caracterizado por sua

⁷ Citado em *Jornalismo Opinativo: Gêneros opinativos no Jornalismo Brasileiro* por José Marques de Melo

publicação regular, geralmente assinada, redigida em estilo bem pessoal do colunista e que pode compor-se dos outros formatos jornalísticos como notas, artigos, crônicas.” (MARQUES DE MELO, 2003, p.139-140).

“As colunas têm um espaço privilegiado nos bastidores da notícia e podem ser identificadas como uma sobrevivente do jornalismo industrial, aquele padrão de jornalismo amador e eclético que caracterizou as primeiras publicações periódicas.” (MARQUES DE MELO, 2003, p.141).

“A crônica tem uma característica peculiar no Brasil. Ela é o gênero jornalístico que mescla a opinião de um tema real, seja ele político, econômico, cultural, com a narração literária. A crônica também pode ser considerada como um embrião da reportagem. Sua definição pode ser entendida como uma narração direta e imediata de uma notícia com certos elementos valorativos que sempre devem ser secundários a respeito da narração do fato em si. Procura refletir o acontecimento entre duas datas.” (MARQUES DE MELO, 2003, p.111-112).

Beltrão ainda complementa essa caracterização de Marques de Melo sugerindo alguns passos que o cronista deve seguir para que estruture sua crônica: “domínio do tema; seleção de dados; redação do texto dividindo-o em introdução, argumentação e conclusão.” (BELTRÃO, 1980, p.69).

A opinião ilustrada documenta a realidade por meio da imagem. Ela pode ser feita por meio de fotografias ou pelas charges. Beltrão cita a opinião de Henri Cartier-Bresson⁸, um dos maiores jornalistas fotográficos do mundo segundo Beltrão, o conceito de Cartier-Bresson sobre a fotografia. Para Cartier-Bresson "A máquina fotográfica permite realizar uma espécie de crônica visual, e que os repórteres fotográficos são as pessoas que fornecem as notas a um mundo apressado, carregado de preocupações, propenso à cacofonia”.

Marques de Melo alerta para o cuidado com que as imagens devem ser classificadas como manifestações opinativas na imprensa. Alguns recursos gráficos são apenas explicativos ou informativos como os mapas que permitem a localização de um fato ou local e os gráficos que têm função estatística. “A caricatura segundo o autor é manifestação mais clara da opinião utilizando a imagem.” (MARQUES DE MELO, 2003, p.163).

⁸ A opinião de Henri Cartier-Bresson no livro "Eu fotógrafo", citada por Luiz Beltrão em *Jornalismo Opinativo*.

As charges têm em suas manifestações um caráter satírico-humorístico, além de serem mais efêmeras. Seu objeto de crítica pode ser um personagem, um momento histórico. Ela pode servir tanto para o momento atual, quanto ser documentada e utilizada em tempos depois.

Luiz Beltrão cita o pensamento de Matthew Hodgart sobre os cartunistas. “O desenhista ou caricaturista de um jornal é o homem que contempla o mundo com uma mistura de riso e indignação. Sua obra resulta de uma postura mental de crítica e hostilidade, um estado de irritação causado pelos exemplos imediatos do vício e da estupidez humana.” (BELTRÃO, 1980, p.82).

A definição utilizada por Luiz Beltrão para contextualizar a participação das opiniões do leitor no jornalismo é do professor Rod W. Horton. Para Horton, a opinião do leitor ajuda na difusão de informações e manifestações de opiniões sobre diferentes assuntos. O leitor não é somente importante na parte econômica que move o funcionamento da imprensa, ela é também parte das implicações filosóficas e morais do termo.

“Quanto ao conteúdo, a opinião do leitor pode ser: informativa, opinativa, ilustrativa, consultiva. Em relação à morfologia ela pode ser: oral, escrita, gráfico\icônica. E em relação ao caráter, a opinião do leitor pode ser obrigatória ou facultativa.” (BELTRÃO, 1980, p.96-97).

“A carta é o espaço em que a opinião do leitor encontra dentro da imprensa opinativa para intervir no debate público. Mas isso, segundo Marques de Melo não é uma garantia de que as cartas dos leitores têm uma participação destacada. As cartas dos leitores têm papel secundário no conjunto de políticas editoriais por que estão sujeitas aos critérios de edição da política editorial da empresa.” (MARQUES DE MELO, 2003, p.175-176).

2.3- Opinião e notícia

“O autêntico jornalismo⁹- processos regulares, contínuos e livres de informação sobre a atualidade e de opinião sobre a conjuntura- se consolida com a ascensão da burguesia no final do século XVIII ao poder e a abolição da censura prévia. Esse fim da censura prévia constituiu um fator preponderante para que o jornalismo assumisse uma fisionomia peculiar- a de atividade comprometida com o exercício, difundindo ideias,

⁹ Segundo Marques de Melo em *Jornalismo Opinativo*, já existiam “formas embrionárias” do jornalismo, que eram as gazetas, os avisos e as relações, que circulavam escassamente no século XV e XVI.

combatendo princípios e defendendo pontos de vista.” (MARQUES DE MELO, 2003, p.22-23).

Ao aprofundar na consolidação da atividade jornalística, Marques de Melo fala do jornalismo inglês e o francês como exemplos de imprensa da época, definindo o francês mais “opinativo”, por promover debates públicos e participar ativamente do cenário político do país. Já o caso inglês possuía uma tendência “informativa”, pois ele distanciava do confronto direto com os centros do poder.

“O século XIX como o período que o jornalismo informativo adquiriu o *status* de categoria hegemônica dentro dos Estados Unidos, devido a aceleração do ritmo produtivo da imprensa norte-americana, transformando a imprensa numa feição industrial e convertendo a informação em mercadoria. Esse fato fez com que o jornalismo opinativo perdesse espaço dentro da imprensa, reduzindo sua presença nas páginas da superfície impressa circunscrita às páginas da chamada “editoriais”. (MARQUES DE MELO, 2003, p.24).

Mas o que é definido como notícia e o que é definido como opinião?

O *Manual da Redação* (MR) do jornal Folha de São Paulo (FSP) classifica notícia como puro registro dos fatos, sem opinião. “A exatidão é o elemento chave da notícia, mas vários fatos descritos com exatidão podem ser justapostos de maneira tendenciosa. Suprimir ou inserir uma informação no texto pode alterar o significado da notícia.” (MANUAL DA REDAÇÃO, 2008, p.88).

O MR traz a definição específica do significado de opinião para o jornal. No MR, a opinião vem explicada no capítulo *Folha*, e vem com o nome de *opinião da Folha*, que é definida da seguinte maneira:

A opinião do jornal é expressa em editoriais não assinados, que são publicados na segunda página do jornal e, excepcionalmente, na primeira. Os editoriais da Folha são mencionados na capa do jornal sob o título ‘Opinião da **Folha**¹⁰. (MANUAL DA REDAÇÃO, 2008, p.114).

Com isso, o editorial é definido no capítulo *Procedimentos* do *Manual da Redação* do periódico:

Editorial- Texto que expressa a opinião do jornal. Na **Folha**, seu estilo deve ser ao mesmo tempo enfático e equilibrado. Deve evitar o sarcasmo, a interrogação e a exclamação. Deve apresentar com concisão a questão de que vai tratar, desenvolver os argumentos que o jornal defende, refutar opiniões

¹⁰ A palavra **Folha** aparece em negrito devido a recomendação do Manual da Redação da *Folha de São Paulo* para quando for se referir ela mesma. Usa-se o termo com moderação, sempre em negrito e com letra maiúscula. (MANUAL DA REDAÇÃO, 2008, p.70)

opostas e concluir condensando a posição adotada pela **Folha**. (MANUAL DA REDAÇÃO, 2008, p.64)

A seção *Editorial* é complementada pela definição de *Engajamento*, que é a parte explicada pela *Folha de São Paulo* por meio de seu *Manual*:

Engajamento- A **Folha** considera que o engajamento em organizações político-ideológicas pode prejudicar o desempenho profissional do jornalista. Em especial daquele que cobre a área de política Não se espera, com isso, que o jornalista não tenha ideologia, opiniões e preferências; mas ele deve ter sempre em mente que o envolvimento partidário pode torna-lo vulnerável a paixões, parcialidade, falta de espírito crítico e mesmo ingenuidade. (MANUAL DA REDAÇÃO, 2008, p.40)

Marques de Melo cita a divisão de jornalismo informativo e opinativo de Luiz Beltrão para ilustrar como é feita essa distinção entre notícia e opinião. O critério adotado por Beltrão, segundo Melo, é explicitamente funcional, Beltrão sugere uma “separação dos gêneros segundo as funções que desempenham junto ao público leitor: informar, explicar e orientar.” (MARQUES DE MELO, 2003, p.60)

“Com isso, a divisão de jornalismo opinativo e jornalismo informativo surge como um artifício profissional e político. Profissional significando o limite em que o jornalista se move, circulando entre o dever de informar (registrar honestamente o que se vê) e de poder opinar, que é uma concessão que lhe é facultada ou não pela instituição em que atua. Político no sentido histórico: ontem, o editor burlando a vigilância do Estado, assumindo os riscos calculados nas matérias cuja autoria era revelada (comments), desviando a vigilância do público leitor em relação às matérias que aparecem informativas (news).” (MARQUES DE MELO, 2003, p.25).

CAPÍTULO 3- Análise de Conteúdo

A análise dos editoriais e colunas do jornal *Folha de São Paulo* é baseada nos conceitos do livro *Análise de Conteúdo*, de autoria de Laurence Bardin. As etapas do projeto foram divididas de acordo com os passos narrados por Bardin em *Análise de Conteúdo*. As etapas são 1) Pré-análise; 2) Exploração do Material; 3) Tratamento dos Resultados. (BARDIN, 2011,p.123).

“Sobre a análise de conteúdo, Silva et al¹¹ define a *Análise de Conteúdo* como um conjunto de procedimentos e técnicas que visam extrair sentido dos textos por meio

¹¹ Citado no texto *Desde antes do nascimento até muito além da morte. Uma análise de conteúdo das dissertações e teses defendidas nos primeiros 25 anos do programa de pós-graduação em demografia do Cedeplar/UFMG*. De autoria de Marília Miranda Forte Gomes, Vanessa Lima Caldeira Franceschini, Paula Miranda-Ribeiro.

de unidades de análises que podem ser palavras-chaves, termos específicos, categorias e/ou temas, de modo a identificar a frequência com que aparecem no texto, possibilitando fazer inferências replicáveis e válidas dos dados.” (Gomes, 2009,p-9)

“Complementando essa definição, Krippendorff¹² enfatiza ainda três aspectos contidos na *Análise de Conteúdo*, que são: uma única mensagem pode conter vários significados; os significados não precisam ser os mesmos para todas as pessoas envolvidas, dado que a audiência é ativa e decodifica as mensagens de acordo com seus próprios códigos individuais; e qualquer análise de conteúdo deve ser feita e justificada com base no contexto dos dados, uma vez que toda mensagem está inserida dentro de um contexto social e não pode ser entendida fora dele.” (Gomes, 2009,p-9).

“A pré-pesquisa está organizada na escolha dos documentos a serem submetidos a análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos, seguido da elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.” (BARDIN, 2011,p.123).

“A exploração do material, essa fase constituiu-se nas operações de codificações, decomposições ou enumeração, em função de regras previamente formuladas. “(BARDIN, 2011,p.131).

“O *Tratamento dos Resultados* foram as operações estatísticas simples (percentagens) ou as mais complexas (análise fatorial), permite estabelecer quadro de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise.” (BARDIN, 2011,p.131).

“A codificação, que corresponde a uma transformação dos dados brutos do texto, transformação que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão, suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices.” (BARDIN, 2011,p.133).

A codificação consiste em três etapas: 1) Recorte dos Dados; 2) Enumeração: escolha das regras de contagem; 3) A classificação e agregação: escolhas das categorias.

Seguido os passos de Bardin, o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia de leitura. A análise temática consiste em descobrir os “núcleos de sentido” que

¹² Citado no texto *Desde antes do nascimento até muito além da morte. Uma análise de conteúdo das dissertações e teses defendidas nos primeiros 25 anos do programa de pós-graduação em demografia do Cedeplar/UFMG*. De autoria de Marília Miranda Forte Gomes, Vanessa Lima Caldeira Franceschini, Paula Miranda-Ribeiro.

compõem a comunicação e cuja presença, ou a frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido. O tema é a regra de recorte que não é fornecida, muito utilizada como unidade de registro para estudar motivações de opinião.

Para Bardin, a enumeração auxilia na distinção entre a unidade de registro- o que se conta, e a regra de enumeração- o modo de contagem. A presença ou ausência de diversos elementos presentes num texto pode ser significativa funcionando como um indicador. E a ausência pode veicular algum sentido. A frequência tem importância em uma unidade de registro quando ela aumenta sua frequência de aparição.

Bardin fala das análises quantitativa e qualitativa como etapas complementares a análise de conteúdo. Enquanto a abordagem quantitativa obtém dados descritivos por meio de métodos estatísticos e de resultados mais bem controlados, a abordagem qualitativa corresponde a um processo mais intuitivo e por isso mais maleável e mais adaptável a índices não previstos.

Existe uma discussão segundo Bardin sobre a utilização das duas abordagens. “A discussão da abordagem quantitativa versus abordagem qualitativa marcou uma volta-face na concepção da análise de conteúdo. Na primeira metade do século XX, o que marcava a especificidade desse tipo de análise era o rigor e, portanto, a quantificação. Depois compreendeu-se que a característica da análise de conteúdo é a inferência (variáveis inferidas a partir de variáveis de inferência ao nível da mensagem), quer as modalidades de inferências se baseiem ou não em indicadores quantitativos.” (BARDIN, 2011,p.146).

CAPÍTULO 4- Metodologia

Na pesquisa em questão, a escolha dos documentos são as colunas e editoriais do caderno A2 *Opinião* do jornal *Folha de São Paulo*, das edições dos meses de maio de 2013, junho de 2013, julho de 2013 e agosto de 2013, totalizando um número de 123 edições da *Folha* e 369 colunas analisadas. Dentro da página A2 também se encontram as charges do periódico que, apesar de também serem textos opinativos, foram descartadas da pesquisa

O caderno A2 *Opinião* do jornal *Folha de São Paulo* contém as edições dos editoriais analisados. Os editoriais correspondem aos meses de maio de 2013, junho de 2013, julho de 2013 e agosto de 2013, totalizando um número de 236 editoriais analisados.

Os colunistas presentes nesses textos, em ordem alfabética são Alan Gripp, Carlos Heitor Cony, Cláudia Collucci, Cristina Grillo, Eliane Cantanhêde, Hélio

Schwartzman, Fernando Rodrigues, Gustavo Patu, Igor Gielow, Ivan Finnotti, Letícia Sander, Marco Aurélio Canônico, Paula Cesarino Costa, Renato Andrade, Ricardo Balthazar, Rogério Gentile, Ruy Castro, Sérgio Dávilla, Valdo Cruz, Vera Magalhães e Vinicius Mota.

O material escolhido para estudo se complementa com o problema de pesquisa, como os colunistas da página 2 da *Folha de São Paulo* demarcam a opinião em seus textos e de que maneira essa opinião se relaciona com o posicionamento ideológico do próprio jornal. Mesmo que o jornal *Folha de São Paulo* reforce nas suas páginas e no seu site que a opinião dos autores dos textos dessa seção não refletem a opinião do periódico.

As etapas realizadas foram a leitura e classificação das colunas analisadas, seguido da separação temática do conteúdo dos textos abordados pelos colunistas, distribuídos em cada um dos dias da semana que os textos foram publicados. Além disso, os argumentos que coincidem entre as colunas e os editoriais estarão separados por quadros, divididos com os títulos: Colunas da *Folha de São Paulo* e Editoriais da *Folha de São Paulo*. Nas edições da *Folha*, o caderno A2 *Opinião*, possui três textos, distribuídos verticalmente na página do caderno.

A separação temática das colunas foi dividida de acordo com o conteúdo abordado pelos colunistas. Os encontrados foram:

- Economia Brasileira;
- Eleições 2014;
- Presidente Dilma Rousseff;
- Impasse entre os poderes executivo, legislativo e judiciário no Brasil;
- Elitização dos estádios de futebol no mundo e no Brasil;
- Violência e eleições no estado de São Paulo;
- Congresso e propostas de lei;
- Fifa, Copa do Mundo de 2014;
- Prefeitura do Rio de Janeiro;
- Governo Obama e sua política com o presídio de Guantánamo;
- Disputa judicial do músico João Gilberto com a gravadora EMI;
- Aborto e as condutas humanas;
- Quase compra do governo do DF de 17 capas de chuva;
- O Jazz e suas influências na música ao redor do mundo;

- Os mistérios da morte de João Goulart;
- Críticas a administração da cidade do Rio de Janeiro;
- Relações Familiares;
- Segurança Pública;
- Transporte público na cidade do Rio de Janeiro;
- Drogas nas famílias e na sociedade;
- Eleição de Roberto Azevêdo para comandar a OMC;

A formação intelectual e acadêmica de cada colunista é um elemento a ser relacionado com a temática dos textos analisados na pesquisa. Uma relação entre o autor e seus textos foi um objetivo verificado nessa etapa.

A pesquisa foi auxiliada por planilhas contendo os títulos das colunas, o tema, autor, dia de publicação, seguido o mesmo processo com os editoriais, exceto pelo fato deles não serem assinados por um autor.

Entre as colunas e editoriais que abordam o mesmo tema, foram feitos quadros comparativos contendo os principais argumentos que os dois textos utilizaram para expor suas opiniões.

CAPÍTULO 5- Introdução dos dados

A frequência em cada um dos autores dos textos aparecem na Folha durante o período analisado Hélio Schwartzman, Ruy Castro, Eliane Cantanhêde, Carlos Heitor Cony e Fernando Rodrigues são os colunistas que tiveram maior número de colunas publicadas.

Nome do colunista	Número de Colunas
Hélio Schwartzman	70
Ruy Castro	67
Eliane Cantanhêde	60
Carlos Heitor Cony	32
Fernando Rodrigues	30

Os demais colunistas apresentam um número mais baixo quando comparados aos autores citados anteriormente.

Nome do colunista	Número de Colunas	Nome do colunista	Número de Colunas	Nome do colunista	Número de Colunas
Valdo Cruz	17	Ricardo Balthazar	4	Letícia Sander	2
Paula C. Costa	13	Sérgio Dávilla	3	Marco Aurélio Canônico	1
Vinicius Mota	11	Igor Gielow	3		
Vera Magalhães	8	Ivan Finnotti	3		
Cláudia Collucci	7	Alan Gripp	3		
Rogério Gentile	7	Gustavo Patu	2		
Cristina Grillo	6	Renato Andrade	2		

A respeito da classificação dos textos, eles foram classificados como *colunas* seguindo o critério estabelecido por José Marques de Melo no livro *Jornalismo Opinativo: Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro* devido ao fato de apresentarem as características desses formatos opinativos como publicação regular, assinada por um autor e redigida em estilo bem pessoa do colunista.

Os editoriais do período analisado têm um número de 236 textos. Quanto a sua classificação, os textos são classificados no formato opinativo *editorial* segundo os critérios estabelecidos por Luiz Beltrão no livro *Jornalismo Opinativo* e José Marques de Melo no livro *Jornalismo Opinativo: Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. .

Na *Folha* a página 2 do caderno A2 *Opinião* contém no expediente do jornal os membros da Direção Editorial (Otávio Frias Filho) e do Conselho-Editorial (formado por Rogério Cezar Cerqueira de Leite, Marcelo Coelho, Jânio de Freitas, Gilberto

Dimenstein, Clóvis Rossi, Carlos Heitor Cony, Celso Pinto, Antonio Manuel Teixeira Mendes, Luiz Frias e Otávio Frias Filho-secretário)¹³.

A *Folha* insere nas suas páginas que a opinião do articulista não reflete necessariamente a mesma opinião do jornal. Frase ressaltada por Beltrão no livro *Jornalismo Opinativo* e ratificada no Manual da Redação do periódico pelo fato de que a opinião do jornal é publicada nos editoriais do jornal. Com isso, a pesquisa norteará desses dois princípios para tentar encontrar até que ponto o a opinião do colunista e do jornal (editorial) são semelhantes ou divergentes.

5.1- Colunas

As colunas analisadas são publicadas diariamente pelo jornal *Folha de São Paulo*. São três colunas por edição, e correspondem às sucursais do *Grupo Folha* sediadas em capitais e cidades de grande porte espalhadas pelo Brasil como: Rio de Janeiro (RJ), Brasília (DF), Belo Horizonte (MG), Manaus (AM), Porto Alegre (RS), Curitiba (PR), Cuiabá (MT), Recife (PE), Salvador (BA), Campinas (SP) e Ribeirão Preto (SP), além da Redação do jornal *Folha* localizado em São Paulo (SP).

O caderno A2 *Opinião* do jornal *Folha de São Paulo* veicula esses três textos diariamente, que são escritos pela Redação da *Folha*, sediada em São Paulo (SP) e as sucursais Brasília e Rio de Janeiro. Os colunistas dessas cidades se alternam no decorrer da semana, e a ordem de publicação impressa pela *Folha* hierarquiza os textos da seguinte maneira: No topo da página do jornal, o texto do colunista de São Paulo; o segundo texto disposto no meio da página do caderno é destinado ao colunista de Brasília e mais em baixo da página a coluna reservada ao colunista do Rio de Janeiro.

Dentro do período analisado, os assuntos que mais estiveram presentes nas colunas do jornal são sobre as manifestações populares do mês de junho, a corrida eleitoral para as eleições que ocorrerão no país no ano de 2014 abrangendo os possíveis candidatos, a presidente Dilma Rousseff e sua administração no governo federal, acontecimentos nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro e suas respectivas administrações municipal e estadual, a economia do Brasil, as políticas que a conduzem, ações do Superior Tribunal Federal (STF) no julgamento do "mensalão", O Programa "Mais Médicos" do governo federal, o Ministério público dos portos chamado de "MP dos Portos", a "Comissão da Verdade".

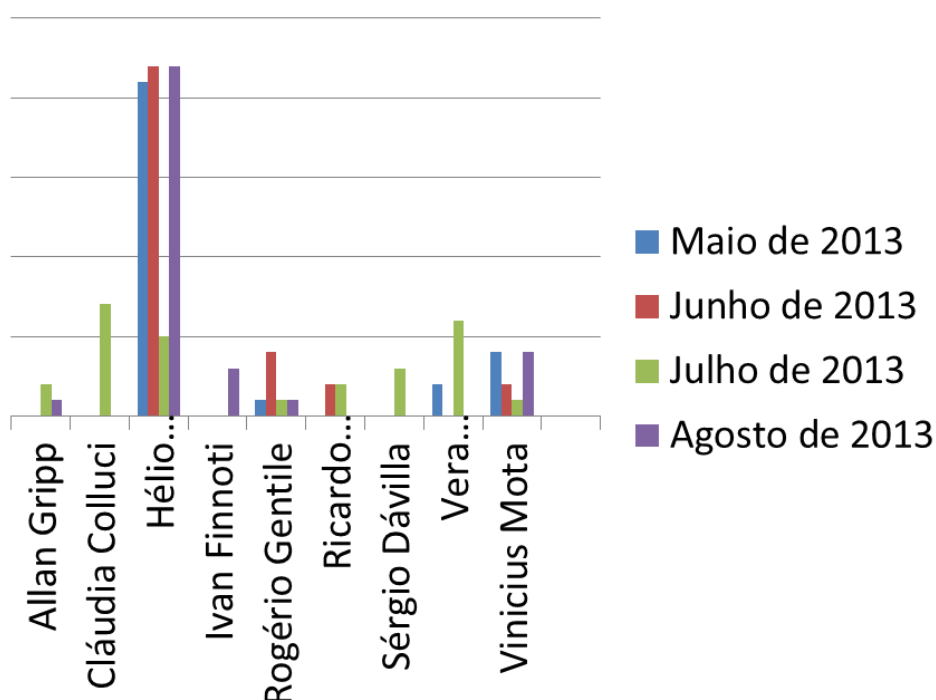
¹³ Presentes no canto superior das edições do jornal analisadas nesse período

Os fatos de repercussão momentânea também eram temas das colunas como a Copa das Confederações de Futebol ocorrida no mês de junho, a Copa do Mundo de futebol que será realizada no ano de 2014 no Brasil, a vinda do Papa Francisco ao Brasil e a jornada mundial da juventude que aconteceram na cidade do Rio de Janeiro no mês de julho, as denúncias de espionagem do governo norte-americano sofridas pelo governo brasileiro, a popularidade da presidente Dilma Rousseff após as manifestações populares, o julgamento do deputado Natan Donadon.

5.2- Colunas de São Paulo

Os autores dos textos de São Paulo que estiveram presentes no período analisado são: Alan Gripp, Ivan Finotti, Hélio Schwartsman, Cláudia Collucci, Ricardo Balthazar, Rogério Gentile, Sérgio Dávilla, Vera Magalhães, Vinicius Mota. O conteúdo dos textos proporciona destaque a assuntos relacionados à cidade e ao estado de São Paulo, dizendo a respeito sobre algum tipo de política ou lei sancionada pela prefeitura e ou estado paulista, ou mesmo atitudes do governador e do prefeito de São Paulo. Além disso, alguns colunistas escrevem sobre os assuntos mais em destaque no momento, seja um acontecimento de repercussão nacional ou mesmo internacional.

Colunistas de São Paulo: Frequência das colunas



O colunista Hélio Schwartsman que dentro do período analisado teve publicado dentro do jornal um número de 70 colunas. O site da *Folha* mostra a periodicidade que

os textos de Hélio Schwartzman estarão presentes nas páginas do periódico, que corresponde aos dias da semana terça-feira a domingo.

O site da *Folha* informa que o colunista é bacharel em filosofia, e jornalista desde o ano de 1988. Isso faz com que uma de suas formações intelectuais de Schwartzman esteja muito presente em seus textos. O colunista apresenta grande versatilidade quanto a temática principal de suas colunas. Seus textos há sempre um assunto principal, que pode ser uma lei ou mesmo um assunto de destaque. Utilizando um esquema de introdução ao tema, seguido de uma argumentação em muitos casos baseada em argumentos filosóficos, Hélio Schwartzman imprime aos seus textos grande variedade temática e um embasamento aos seus argumentos que o difere dos demais colunistas da *Folha*.

Os outros colunistas responsáveis pela divulgação das colunas de São Paulo comentam na sua maioria assuntos relacionados a cidade e ao governo de São Paulo, e em alguns casos a respeito da administração federal da presidente Dilma Rousseff e a economia do Brasil, seu funcionamento, os rumos que ela está seguindo.

Um exemplo desse destaque da coluna estar relacionado a cidade de São Paulo é o texto *Mercador do Apocalipse*, de autoria do colunista Allan Gripp, publicado na edição do jornal do dia 18 de julho de 2013. A coluna tem como tema o prefeito da cidade de São Paulo Fernando Haddad e sua administração. Na coluna Allan Gripp critica o prefeito pela maneira que vem administrando as finanças da cidade. Podemos perceber por meio dessas palavras:

Juntando a gigantesca dívida paulistana, na casa dos R\$ 60 bilhões de reais, a um possível novo revés, a prefeitura terminaria o ano “quebrada”... Trocando em miúdos, Haddad comporta-se como mercador do apocalipse, mas está de olho no título de salvador da pátria. (GRIPP, Alan. *Mercador do Apocalipse*. *Jornal Folha de São Paulo*.p.A2, 18 de julho. 2013).

Essa sucursal mostra por meio de suas colunas as informações opinadas pelos colunistas de São Paulo direcionam seus textos a críticas, reflexões e alertas para os temas ligados ao estado e a cidade de São Paulo.

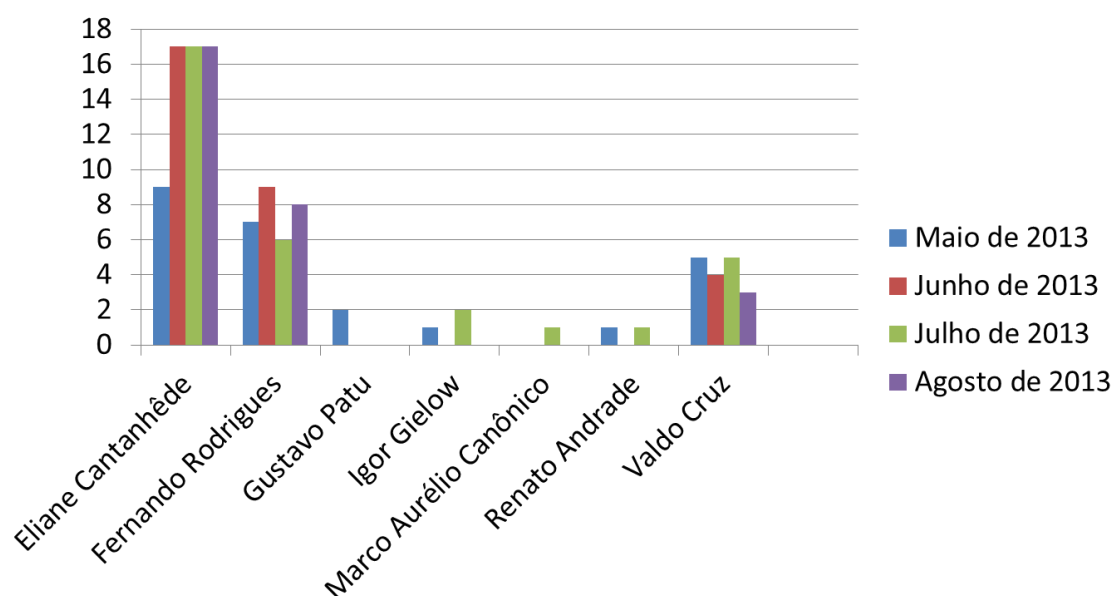
5.3- Colunas de Brasília

Seguindo na divisão das colunas do caderno *A2 Opinião* do jornal *Folha de São Paulo* a segunda coluna (obedecendo a ordem de cima para baixo) é elaborada pela sucursal da *Folha* de Brasília. Por ser a capital do Brasil e concentrar a sede do Palácio do Planalto, da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, Brasília é um importante centro de comando político do país. Em virtude desse fato, os colunistas da *Folha*

responsáveis por emitir suas opiniões no jornal imprimem um conteúdo mais político das esferas do poder federal, isto é, o conteúdo dessas colunas em geral destaca as ações de políticos de renome nacional como, por exemplo, a presidente Dilma Rousseff e seus atos de governo, os possíveis candidatos presidenciais que concorrerão as eleições de 2014, o caso de espionagem internacional sofrido pelo governo brasileiro feito por agências de espionagem norte-americana, as manifestações populares que aconteceram em todo o Brasil.

Os colunistas da *Folha* da Sucursal Brasília que escreveram dentro do período analisado foram Eliane Cantanhêde, Fernando Rodrigues, Gustavo Patu, Igor Gielow, Marco Aurélio Canônico, Renato Andrade e Valdo Cruz. A colunista Eliane Cantanhêde foi responsável pelo maior número de colunas publicadas.

Colunistas de Brasília: Frequência das colunas



A coluna *Meio cheio, meio vazio*, feita Valdo Cruz, que foi publicada no dia 3 de junho de 2013 mostra como os colunistas dessa sucursal da *Folha* evidenciam os temas ligados ao governo federal. No texto, o colunista fala da situação econômica do país, citando a frustração da equipe de governo da presidente Dilma Rousseff. Segundo o colunista, a economia brasileira não está uma tragédia, mas poderia “estar pelo menos perto do céu”. A coluna cita as justificativas para o crescimento do país e o possível aumento de receitas com a realização dos leilões das ferrovias, rodovias, pré-sal e dos portos:

Ainda esse ano serão realizados leilões de concessões dos aeroportos de Confins e Galeão, de rodovias, ferrovias e portos... Um cenário diríamos, meio cheio meio vazio de frustração. Tudo bem, não estamos uma tragédia. Estamos melhores que muitos países mundo afora. Mas poderíamos pelo menos estar perto do céu. (CRUZ, Valdo. Meio cheio, meio vazio. *Jornal Folha de São Paulo*.p.A2, 3 de junho. 2013).

A colunista Eliane Cantanhêde foi a profissional com maior número de colunas publicadas pela sucursal da *Folha* de Brasília dentro do período analisado. Com 60 textos, Cantanhêde expos sua opinião sobre temas de implicação política nacional. Temas relacionados à administração da presidente Dilma Rousseff, a corrida presidencial e os possíveis personagens que figurarão nas eleições do ano de 2014, os rumos tomados pela economia do país. Ela direcionou suas críticas também a assuntos de grande destaque no Brasil como, por exemplo, as manifestações populares ocorridas no Brasil, o caso de espionagem internacional que o governo brasileiro foi vítima, a fuga do senador boliviano Roger Molina para o Brasil.

Eliane Cantanhêde formou-se em jornalismo pela Universidade de Brasília (Unb\DF) e sua principal editoria é a política nacional. Ela é colunista da *Folha* desde 1997 e também já dirigiu a Sucursal Brasília da *Folha* entre os anos de 1997 e 2003. Além disso, ela trabalhou em outras empresas jornalísticas como o jornal *O Globo*, o *Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Revista Veja!*, *Gazeta Mercantil* seja como repórter, colunista, chefe de redação, diretora de redação, e sempre em Brasília.

Assim como seus colegas de profissão responsáveis pelas publicações das colunas da sucursal da *Folha* de Brasília, Eliane Cantanhêde dedicou parte de seus textos aos acontecimentos mais relevantes de âmbito nacional. Em outras palavras sobre os temas diretamente ligados ao governo federal, como a coluna do dia 16 de agosto de 2013. Sob o título de *Chicana não*, a colunista fala do julgamento do Superior Tribunal Federal no caso do “mensalão”. No texto, a colunista questiona os rumos que o caso poderá seguir:

Há uma grande dúvida se o julgamento do mensalão pelo Supremo vai ou não ser encerrado em poucas semanas... O prazo para conclusão depende do comportamento dos próprios ministros. Eles foram rápidos e quase consensuais ao recusar a maioria dos embargos de declaração... CANTANHÊDE, Eliane. *Chicana não*. *Jornal Folha de São Paulo*.p.A2, 16 de agosto. 2013).

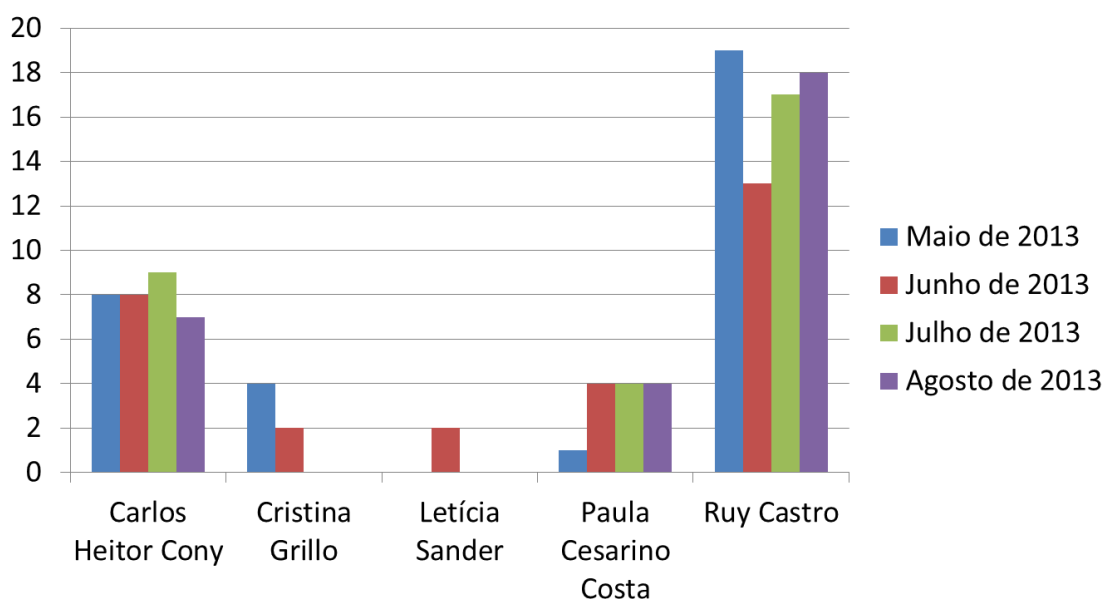
Os temas relacionados ao governo federal e ao Brasil fazem com que as colunas da sucursal da *Folha* de Brasília destaquem por meio das colunas o mesmo

procedimento da Redação de São Paulo, ou seja, colunas de crítica, reflexão, alertas a administração federal e aos outros assuntos de repercussão nacional.

5.4- Colunas do Rio de Janeiro

A coluna responsável pela sucursal do Rio de Janeiro é a terceira coluna (obedecendo a ordem de cima para baixo) no caderno *A2 Opinião* do jornal *Folha de São Paulo*. Essa coluna destaca em grande parte os assuntos relacionados a cidade e ao estado do Rio de Janeiro. Os colunistas Carlos Heitor Cony, Cristina Grillo, Letícia Sander, Paula Cesarino Costa e Ruy Castro publicaram seus textos no periódico.

Colunistas do Rio de Janeiro: frequência das colunas



A coluna *Liberdade ainda que tardia*, de autoria da colunista Paula Cesarino Costa comenta sobre o modo de vida das pessoas idosas que vivem na cidade do Rio de Janeiro. Paula Cesarino Costa lembra o grande número de idosos que habitam o Rio de Janeiro:

A cidade dos belos e saudáveis jovens que desfilam bronzeados é também a cidade dos que têm mais idade, belos ou não mais, saudáveis ou nem tanto, bronzeados ainda. Segunda cidade com maior proporção de idosos (14,89% da população tem mais de 60 anos; só perde para Porto Alegre) o Rio tem algo que faz com que eles saiam à rua. (Folha de São Paulo, Edição 6 de junho de 2013).

Os colunistas que tiveram maior número de colunas publicadas no jornal pela sucursal carioca da Folha foram Carlos Heitor Cony e Ruy Castro. Com 32 textos e 67 textos respectivamente, os autores apresentam características que diferem das demais colunas tanto das outras sucursais, como dos outros colunistas que trabalham na sucursal carioca.

Segundo a classificação de Marques de Melo, os textos de Cony e Castro podem ser encaixados no formato opinativo crônica, devido ao fato “da crônica mesclar a opinião de um tema real, seja ele político, econômico, cultural, com a narração literária.” (MARQUES DE MELO, 2003, p.111-112).

Em suas crônicas, os autores tem grande liberdade de escrever sobre variados temas, sejam eles literários, musicais, artísticos, políticos, sociais. Muitas vezes esses dois cronistas conseguem unir temas que aparentemente não se relacionam explicitamente, mas o modo com que os dois organizam suas ideias fazem com que essas diferenças se complementem ao termino de seus textos.

Um exemplo da liberdade de variar o tema da sua coluna podendo até ser classificada como crônica é o texto (*Risos*) de Carlos Heitor Cony. Publicado no dia 12 de maio de 2013, o texto começa falando da implicância que Graciliano Ramos tinha em algumas palavras usadas em textos revisados por ele como “entrementes” e “outrossim”. Cony escreve de sua própria implicância com algumas palavras utilizadas atualmente:

Todo mundo sabe que Graciliano Ramos, nos tempos em que fazia revisão dos textos da reportagem do “Correio da Manhã”, sendo na realidade um futuro ancestral dos copidesques, embirrava com certas palavras: “entrementes” e “outrossim” levavam o velho Graça a um delírio de epilético. No meu caso, bem mais modesto, mas relativamente epilético diante de certos textos subo pelas paredes quando leio entrevistas em que o repórter coloca entre parênteses a marcação cênica: (Risos). (CONY, Carlos Heitor. (Risos). Jornal *Folha de São Paulo*.p.A2, 12 de maio. 2013).

Carlos Heitor Cony trabalhou em diversos veículos informativos no Brasil como o Correio da Manhã, rádio Jornal do Brasil, já foi diretor de teledramaturgia da Rede Manchete. Além disso, Cony escreveu inúmeros romances como *A Verdade de Cada dia* (1957), *Pilatos* (1974), entre outros. Quando Cony revezava com Octávio de Faria a coluna *Da arte de falar mal* no *Correio da Manhã*, esses textos fariam parte de seu livro de crônicas *Tijolo de Segurança* (1963). Assumiu a *Coluna do Rio*, do jornal *Folha de São Paulo* no ano de 1993.

O colunista Ruy Castro também possui a mesma liberdade que Cony tem para escolher e escrever os temas de suas colunas. Isso faz com que Castro também possa misturar assuntos literários a temas atuais, fazendo com que suas opiniões estejam em seus textos de maneira semelhante a técnica textual de elaboração de Cony.

A coluna *Conceitos a discutir* divulgado no dia 6 de junho de 2013 trata do centenário de Vinicius de Moraes estaria completando se estivesse vivo. No texto, Ruy Castro das várias interpretações que as frases e letras de músicas compostas por Vinicius de Moraes podem ter. Esse parágrafo sintetiza os conceitos que o colunista quer discutir:

E, ainda outro, uma certa nostalgia da Ipanema dos anos de 1950, expressa pela frase dita em 1974: “Ipanema era só felicidade”. Significa que Ipanema pós-1960 deixou de ser feliz? E como ficam lá os que moram lá até hoje e têm sua felicidade particular? E os moradores originais de Ipanema- um areal quase virgem nos anos de 1920- achariam da Ipanema de Vinicius? (CASTRO, Ruy. *Conceitos a discutir*. Jornal *Folha de São Paulo*.p.A2, 6 de junho. 2013).

Esse texto é um exemplo da mistura de temas literários que Ruy Castro utiliza para emitir sua opinião sobre um assunto como a interpretação de frases e composições que cada pessoa que está em contato com elas pode ter.

Ruy Castro começou como repórter no *Jornal Correio da Manhã* em 1967 e é um jornalista conhecido por suas biografias *O anjo pornográfico* (biografia do jornalista Nelson Rodrigues), *Estrela Solitária* (jogador de futebol Garrincha) e *Carmen* (cantora Carmem Miranda). Suas produções jornalísticas também viram livros como *Um filme é para sempre* (livro sobre cinema) e *Tempestade dos Ritmos* (livro sobre Música Popular).

Concluindo sobre as colunas da sucursal do Rio de Janeiro, os colunistas Ruy Castro e Carlos Heitor Cony são exemplos de profissionais que tem grande liberdade temática para abordar em suas colunas, imprimindo outras visões sobre assuntos cotidianos ou não, e que utiliza de assuntos literários para unir aos temas de suas colunas.

5.5- Editoriais

Os editoriais do jornal *Folha de São Paulo* são publicados diariamente. Eles estão localizados no caderno *A2 Opinião*, no lado esquerdo das colunas. Nos dias em que apenas um editorial aparece nas páginas do periódico, o texto era mais extenso, com mais informações, ideias, pontos de vista a serem discutidos pelo *Grupo Folha*.

Um exemplo de editorial único publicado pela *Folha* que trata de um assunto com um texto mais extenso e conseqüentemente mais argumentos, dados e reflexões são exemplificados a fim de discutir um assunto, é o editorial *Incógnita das Ruas* divulgado no dia 19 de junho de 2013. O editorial publicado após o início de uma série de manifestações populares nas pequenas e grandes cidades brasileiras. O texto objetiva compreender quais as implicações que esses movimentos teriam ao Brasil:

O porte dos protestos dos últimos dias, por todo país, e o caráter em geral pacífico das marchas deixaram patente que a depredação partiu de grupos minoritários... O tamanho das marchas se impôs como índice de mudança de qualidade dos protestos. Mal ou bem, a massa falou pela maioria e falou contra os poderes constituídos... Como na marcha de muitas cabeças em São Paulo, é difícil prever onde esse caudal irá desembocar. Nem os manifestantes sabem. (Editorial *Incógnita das Ruas*. Jornal *Folha de São Paulo*. p.A2, 19 de junho. 2013).

Seguindo a definição de Marques de Melo que o editorial não é a opinião do jornal a respeito de um assunto, mais sim um conjunto de opinião que são discutidas pelo Conselho Editorial, a *Folha* deixa explícito o expediente do jornal no canto superior esquerdo da página dois. O fato do editorial não ser assinado, leva a crer que o Conselho Editorial da *Folha* é o autor dos editoriais, isso seguindo a definição de José Marques de Melo em *Jornalismo Opinativo: Gêneros Opinativos no Jornalismo Brasileiro*.

A definição de Luiz Beltrão em *Jornalismo Opinativo* de que o editorial é persuasivo, isto é, expõe o tema e os argumentos necessários para convencer o leitor do posicionamento do jornal a respeito do tema se faz presente devido a estrutura rígida de elaboração desse tipo de texto: Título, Introdução, Discussão e Conclusão.

Essa estrutura é seguida pelos editoriais da *Folha*, pois eles são não assinados, e se encaixam nessa estrutura: Título inicialmente, o tema no parágrafo inicial ou já explícito pelo título, a introdução do assunto, a discussão fundamentada em dados e opiniões que variam de acordo com o tema e finalizando nos últimos parágrafos a posição do jornal a respeito do tema.

Quanto ao conteúdo, os editoriais diversificam a cada dia o assunto que iriam abordar quando comparados as colunas. Os editoriais abordam questões de outros países como as eleições e políticas internas de outros países, aprovações de leis pelo governo federal, situação de setores da economia brasileira. Um dos assuntos de repercussão no Brasil que conseguiu refletir a sintonia entre editorial e coluna na *Folha de São Paulo* foram as manifestações populares do mês de junho de 2013. O fato foi muito marcante

no país e o grande alvoroço provocado por esses eventos fez com que o jornal e seus colunistas dedicassem um grande número de textos para compreender, analisar e se posicionar a respeito do tema.

A variação de temas abordados nos editoriais da *Folha* é vista no editorial *A nova face do Irã*. Publicado no dia 14 de junho de 2013, o editorial trata dos possíveis novos rumos que Irã pode seguir de acordo com o escolhido a ser presidente do país. O editorial trata da economia e, principalmente, da questão nuclear iraniana de acordo com o vencedor do pleito.

Todos admitem que a inflação descontrolada e o desemprego são as maiores preocupações iranianas. Afirmam ainda que o problema é causado, em grande parte, pelas sanções ao programa nuclear... Não é pequena a importância das eleições hoje. Acima de tudo porque o novo presidente hoje poderá permitir abordagem mais construtiva dos esforços para desemperrar o imbróglio nuclear. . (Editorial *A nova face do Irã*. Jornal *Folha de São Paulo*.p.A2, 14 de junho. 2013).

Essa diferenciação temática entre colunas editoriais também pode ser atribuída pelo fato de que as colunas representam a opinião dos colunistas de cada uma das três sucursais. No período analisado, muito das colunas são relacionados a temas dessas cidades: os colunistas de São Paulo destacam assuntos sobre a cidade e ao governo de São Paulo, os responsáveis pela sucursal de Brasília comentam em muitas ocasiões a respeito das ações do governo federal e os colunistas do Rio de Janeiro dedicam parte de seus textos falando sobre a cidade e o governo do Rio de Janeiro.

A diferença dos textos pode ser explicada por um item do *Manual da Redação da Folha de São Paulo* e que também é reforçado nas páginas do jornal que a opinião dos textos e dos colunistas não reflete obrigatoriamente a mesma opinião do jornal. Com isso, a *Folha* deixa explícita a liberdade de pensamento que seus membros podem expressar suas opiniões no periódico, mesmo que difiram da *Folha*.

5.6- Editoriais e colunas de maio

No mês de maio de 2013, o jornal *Folha de São Paulo* teve em suas colunas alguns temas recorrentes. As eleições de 2014 apareceram nas colunas *Ovelhas desgarradas* (6 de maio) escrita por Vinicius Mota, *A casa da mãe Dilma* (9 de maio) de Rogério Gentile , *Complicando o Complicado* (10 de maio) de Renato Andrade, *Troca geracional na oposição* (18 de maio) de Fernando Rodrigues, *Discurso encurralado* (19 de maio) de Igor Gielow e *Tudo de mentirinha* (21 de maio) de Eliane Cantanhêde.

Essas colunas coincidiram com o editorial do dia 21 de maio, com o título de *DNA Tucano*, que dá destaque especial ao candidato Aécio Neves e sua posse como presidente nacional do PSDB. Comparando esses textos, os principais argumentos estão presentes no quadro abaixo:

Colunas da <i>Folha de São Paulo</i>	Editoriais da <i>Folha de São Paulo</i>
PT capaz de exercer oposição competitiva se perder as eleições. Campos é a ovelha desgarrada do comboio dilmista.	A melhor evidência que a eleição começou está na troca de acusações envolvendo o Programa Bolsa Família entre governo e oposição.
A eventual candidatura de Campos é boa para o país, pois é uma alternativa a polarização entre PT e PSDB.	Os limites da ação distributiva são um dos dilemas que o PSDB ainda não conseguiu resolver
A base de apoio do governo tem pouca relevância prática quando as discussões do Congresso envolvem o caixa dos estados.	Aécio Neves pôs um ponto final na estratégia duvidosa das últimas campanhas.
Pela primeira vez desde a volta da democracia a oposição será preenchido em grande parte por pessoas de uma geração pós-ditadura militar.	Aécio defendeu com ênfase as marcas do PSDB que os outros candidatos de seu partido tentaram esmaecer.
No discurso de Aécio, ele dizia que é preciso fazer diferente e é possível fazer melhor, só falou explicar como.	O líder tucano deu novos sinais de hesitação, contudo.
Os encontros e a cordialidade dos aliados de Dilma Rousseff e Eduardo Campos são tão mais ‘de mentirinha’.	

Outro tema presente no jornal foi a economia brasileira, que no mês de maio foi tema das colunas *Âncoras* (12 de maio) de Gustavo Patu, *2015* (13 de maio) de Vinicius Mota, *Novo Figurino* (17 de maio) de Renato Andrade, *Freio da ignorância* (20 de maio) Vinicius Mota, *Rugido ou miado?* de Valdo Cruz (27 de maio) e *Brasil, uma onda* (30 de maio) de Eliane Cantanhêde.

Essas colunas tiveram a economia do Brasil coincidindo com os editoriais *Superávits de risco; Flanco aberto; Figurino ultrapassado, A indústria de Dilma; O*

Brasil perde pontos, Na encruzilhada publicada respectivamente nos dias 1 de maio; 5 de maio, 12 de maio, 19 de maio, 28 de maio, 30 de maio. Os argumentos de ambos os textos estão no quadro abaixo:

Colunas da <i>Folha de São Paulo</i>	Editoriais da <i>Folha de São Paulo</i>
A inflação esperada ignora a meta do Banco Central. As metas para as contas do Tesouro caíram em descrédito.	Política fiscal anticíclica, que o Planalto se escuda. Mal formulada e mal conduzida.
O avanço das commodities metálicas, energéticas e agrícolas se dissipa na forma de inflação.	O país perde espaço nos seus principais mercados no mundo. O governo continua com uma política macroeconômica acanhada
O chefe da equipe econômica é conhecido por suas projeções otimistas, mesmo quando faz com base em dados não tão bons. A nova previsão do PIB será baixa.	O ministro Guido Mantega não se distingue por poupar otimismo. Mantega teima em obscurecer os fundamentos da economia brasileira pioram. Manipulações do governo não farão a economia decolar.
O governo tem sido pródigos em distribuir regalias a empresários e dificultar a competição externa.	Nunca pareceu tão aguda a ausência de pensamento estratégico no entorno da Presidente Dilma Rousseff.

A Comissão da Verdade, comissão de inquérito criada para julgar os crimes da ditadura brasileira, é comentada nas colunas *Verdades e esculachos* (16 de maio) de Rogério Gentile, *Salvação da Pátria* (19 de maio) de Carlos Heitor Cony, *Dúvida existencial* (23 de maio) de Eliane Cantanhêde, *Reverendo a anistia* (31 de maio) de Hélio Schwartzman. Esses textos tem o mesmo tema do editorial *Em defesa da anistia* publicado no dia 25 de maio. Abaixo os argumentos dos dois textos:

Colunas da <i>Folha de São Paulo</i>	Editoriais da <i>Folha de São Paulo</i>
A comissão da verdade dá impressão que resolveu se afastar dos seus propósitos.	A proposta de rever a Lei da Anistia da comissão da Verdade é um equívoco.
Até agora nada de concreto foi feito ou revelado.	A Comissão faz um trabalho valioso no restabelecimento dos fatos históricos do país.
Comissão não tem muito alcance prático.	A Comissão deveria se concentrar em sua

	<p>tarefa em vez de abraçar propostas inoportunas que extrapolam o seu próprio escopo.</p>
--	--

A Medida Provisória dos Portos, medida que cuida da modernização dos portos brasileiros, chamada de “MP dos Portos” é destacada no periódico como o tema das colunas *Lobby no Congresso* (15 de maio) de Fernando Rodrigues, *Duelo* (16 de maio) de Valdo Cruz, *Governos fracassados* (18 de maio) de Hélio Schwartsman, *Riscos da vitória* (20 de maio) de Valdo Cruz.

Os editoriais *Inoperância no poder*, *Portos e porteiros*, *Contra o tempo* *Destacar a economia*, publicado respectivamente nos dias 10 de maio, 14 de maio, 16 de maio e 18 de maio, também apresentaram a MP dos Portos como tema. No quadro abaixo, as diferenças entre as colunas e editoriais da MP dos Portos:

Colunas da <i>Folha de São Paulo</i>	Editoriais da <i>Folha de São Paulo</i>
O lobby melífluo no Congresso está pagando a conta da conturbada votação MP dos Portos.	O governo perdeu a capacidade de conduzir o debate da votação da MP dos Portos. O sistema portuário precisa de uma reviravolta, é uma questão de sobrevivência para a economia brasileira.
Tentou resolver em dois dias da votação da MP dos Portos o que não foi resolvido nas últimas duas décadas.	A o cerne de uma norma capaz de beneficiar a economia
O governo terá de administrar os riscos gerados pela a vitória na MP dos Portos.	O Congresso precisa decidir se vai ficar a favor da necessidade histórica ou contra ela.

Os programas do governo federal Bolsa Família e Mais Médicos também são citados na *Folha* quando os editoriais *Bolsa Independência* (29 de maio) e *O ótimo inimigo do bom* (25 de maio) apareceram em edições do jornal.

No caso do editorial *Bolsa Independência*, eles coincidiram com as colunas *Impotentes X Batalhadores* (27 de maio) de Vinicius Mota, e *Bolsa Incompetência* (29 de maio) de Fernando Rodrigues.

Colunas da <i>Folha de São Paulo</i>	Editoriais da <i>Folha de São Paulo</i>
O grau de dependência da população em relação ao governo federal.	O programa desempenha papel no processo de redução nas desigualdades do país
Mais fácil negar um equívoco, se não funcionar, culpa a oposição.	Mas é preciso instrumentar os beneficiários do programa, para viver sem o auxílio do governo.

Já o programa do governo federal Mais Médicos é o assunto do editorial *O ótimo inimigo do bom*, publicado no dia 25 de maio, que por sua vez apresenta o mesmo tema da coluna *Importações de médicos* (15 de maio) de Hélio Schwartsman. A coluna de Schwartsman também segue o mesmo rumo do editorial, mesmo que sua publicação seja dez dias anteriores em relação ao editorial.

Colunas da <i>Folha de São Paulo</i>	Editoriais da <i>Folha de São Paulo</i>
A substituição da mão de obra local por um exército de reserva não passa de um paliativo.	A importação de médicos não vai salvar a saúde pública do Brasil. O governo precisa desenhar diretrizes médicas factíveis e eficazes.
O governo deve ouvir os argumentos das associações médicas, mas não necessariamente atender seus pleitos.	A importação não passe de um paliativo.

A coluna *Tolerância Intolerável* publicada no dia 3 de maio aparece como único texto com a temática coincidente do editorial *Ainda Guantánamo*, publicado no mesmo dia. Ambos os textos não diferem em seus argumentos sobre o tema em questão.

Colunas da <i>Folha de São Paulo</i>	Editoriais da <i>Folha de São Paulo</i>
Obama fala em desativar o presídio como se ele ainda fosse da oposição	Obama poderia ter reduzido o número de presos de Guantánamo.
Guantánamo como bandeira política nas eleições presidenciais de 2008	Guantánamo como bandeira política nas eleições presidenciais de 2008
Presidente Obama não cumpriu o que foi dito em sua campanha.	Presidente Obama não honrou o compromisso de fechar o presídio.
Más condições de tratamento que os	A falta de providências práticas adia o fim

presos de Guantánamo vivem.	de uma aberração jurídica
-----------------------------	---------------------------

Outra coluna isolada foi o texto *Realidades imaginárias*, publicada no dia 11 de maio. O texto tem como assunto a eleição de Roberto Azevêdo para comandar a OMC, e coincide com o editorial *Uma árdua missão*, que está no jornal do dia 8 de maio.

Colunas da <i>Folha de São Paulo</i>	Editoriais da <i>Folha de São Paulo</i>
Indisfarçável tom ufanista dos comentários sobre a indicação de Azevêdo.	A indicação de Azevêdo reflete o peso crescente das economias emergentes.
Azevêdo parece ser uma pessoa muito preparada para o cargo.	Azevêdo é um hábil negociador do Brasil dentro da OMC.
	Ele também possui conhecimento minucioso das dificuldades enfrentadas pela organização.

As demais colunas e editoriais do mês de maio não se apresentam com nenhum tema semelhante, pois não têm nenhuma coluna ou editorial que coincidam.

5.7- Editoriais e colunas de junho

O mês de junho apresentou-se com uma peculiaridade em relação aos temas das colunas e editoriais publicadas pela *Folha*. Devido o grande destaque proporcionado pelas manifestações populares em todo o país, o jornal destinou um número elevado de colunas e editoriais a esse assunto. Em virtude disso, as manifestações populares ganham um subtítulo a parte dentro da pesquisa.

5.8- Manifestações populares

Com 26 colunas dentro do mês de junho, as manifestações populares apareceram dentro da *Folha*. Já os editoriais sobre as manifestações populares foram registrados com o número de cinco textos do mês de junho.

O fato de esse tema ter grande frequência no jornal pode ser explicado pelo grande apelo popular que as manifestações conseguiram atrair por parte do público e seus atos foram amplamente divulgados pela mídia. As colunas *Gritos e Sussurros* escrita por Ruy Castro e publicada no dia 14 de junho de 2013, e a coluna *Protestos em série* de autoria de Hélio Schwartsman foram as primeiras colunas dentro do período analisado a tratarem das manifestações. Em *Gritos e Sussurros*, o colunista conta que

durante o lançamento de seu livro em um local da cidade de São Paulo, ele foi pego de surpresa pelos confrontos entre manifestantes e policiais civis:

Na terça feira, enquanto eu lançava meu livro “Morrer de Prazer” na Cultura do Conjunto Nacional, em SP, o pau comia lá fora entre os manifestantes contra o aumento das passagens e a polícia... No Rio também houve protesto contra o aumento das passagens. E a assim como São Paulo, houve vandalismo. (Folha de São Paulo, Edição 14 de junho de 2013).

Na coluna de Schwartzman ele comenta a respeito das manifestações contra o aumento das tarifas de ônibus em São Paulo. Ele faz ressalvas a respeito quanto a esses atos, mas lhes conferem certa importância no final de seu texto:

É verdade que essas manifestações contra o aumento da tarifa de ônibus em São Paulo conturbam a cidade. Vou um pouco mais longe e afirmo que há algo de egoísta nos protestos, já que impingem a todos as reverberações de uma agenda que não é consensual... Mesmo rejeitando os exageros e os atos de vandalismo, deve-se reconhecer que os por vezes os protestos tonificam a democracia. E, para que funcionem assim, é preciso garantir que os movimentos reivindicatórios possam ter lugar sem julgar sem o que os motiva. (Folha de São Paulo, Edição 14 de junho de 2013).

O editorial *Retomar a Paulista*, publicado no dia 13 de junho é o primeiro editorial a abordar as manifestações populares da cidade de São Paulo. Nesse texto, o jornal posiciona-se contrário as manifestações. Por meio de duras críticas aos manifestantes e seus atos, a *Folha* ratifica seu ponto de vista sobre o ocorrido:

Sua reivindicação de reverter o aumento da tarifa de ônibus e de metrô de R\$ 3 para R\$ 3,20- abaixo da inflação é útil assinalar- não passa de pretexto, e dos mais vis. São jovens predispostos à violência, por uma ideologia pseudorrevolucionária, que buscam tirar proveito da compreensível irritação geral com o preço pago para viajar em ônibus e trens superlotados. No que toca o vandalismo, só há um meio de combatê-lo: a força da lei. Cumpra investigar, identificar e processar os responsáveis. Como em toda forma de criminalidade, aqui também é a impunidade é o maior incentivo à reincidência. (Folha de São Paulo, Edição 13 de junho de 2013).

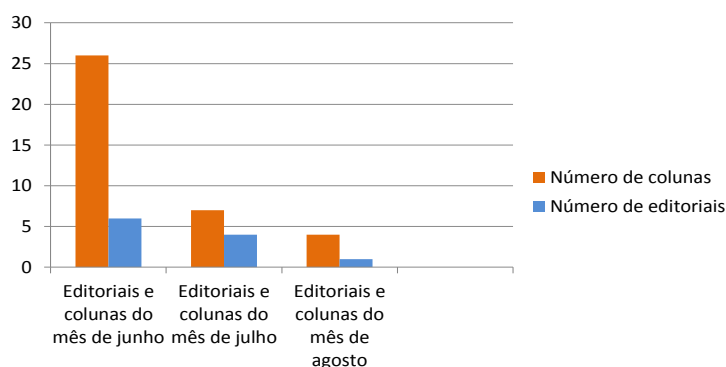
O caso das manifestações populares é um tema em que o editorial do jornal foi publicado antes que algum colunista do jornal pudesse tratar do tema em seu espaço dentro do periódico. As manifestações populares irão ser utilizadas em diversas outras colunas e editoriais ao longo do mês de junho. Além das colunas citadas anteriormente os textos *Os pobres felizes*, *Insatisfação*, *Uma lição do passado*, *O que eles querem*, *“Penne Arrabbiatta”*, *Entre a sabedoria e a loucura*, *O rumo dos indignados*, *8 ou 80*, *Depredação Livre*, *Degrau por degrau*, *Surgem novos cenários*, *Vândalos*, *O bolo e a sopa*, *O caminho do desconforto*, *Vulnerabilidades*, *O tamanho das mudanças*, *O funeral de César*, *Meios e fins*, *Protesto contra o protesto*, *Na muda*, *Cuidado com o que deseja*, *Chifre em cabeça de Cavalo*, *É preciso mudar “tudo” bebe*, *Protagonismo*

Popular são as colunas que tiveram as manifestações como tema dentro do mês de junho de 2013.

Os editoriais do mês de junho que tem as manifestações como tema são *Protestos e vaias*, *Incógnita nas ruas*, *Vitória das ruas*, *Mensagem bem-vinda*, *Otimismo consumido*, além de o editorial *Retomar a Paulista*.

O mês junho não foi o único a tratar do assunto. Os meses de julho e agosto de 2013 também apresentaram um número considerável de colunas e editoriais sobre as manifestações populares. Com sete colunas e quatro editoriais no mês de julho e no mês de agosto apareceram quatro colunas e um editorial.

Colunas e Editoriais da *Folha* sobre manifestações



Entretanto essas colunas e editoriais apresentam peculiaridades quando comparados as colunas e editoriais do mês de junho. Pelo motivo de que algumas colunas tratam exclusivamente das manifestações populares na cidade do Rio de Janeiro como a coluna *Partido-Ônibus* de Paula Cesarino Costa. Publicada no dia 15 de agosto, a coluna trata das manifestações populares que ainda eram muito recorrentes nessa cidade, tendo como principal alvo dos manifestantes a educação, os transportes, a segurança pública no estado e na cidade do Rio de Janeiro:

Se os protestos diários entram na rotina, a situação da Câmara ganha contornos de tragicomédia. Manifestantes ganharam pulseiras VIP para poderem circular e pedem melhores condições de ocupação. (Folha de São Paulo, Edição 15 de agosto de 2013)

Quanto aos editoriais, o tema das manifestações ocorreu em outros editoriais ao longo dos meses de julho e agosto de 2013. Porém, ele apareceu unido a outro tema, como o editorial *Protestar não é pecado*, do dia 18 de julho de 2013. Nele, o jornal cita

sobre os possíveis protestos que podem ocorrer na passagem do papa Francisco pela cidade do Rio de Janeiro durante a Jornada Mundial da Juventude:

Menos mal que seja assim. Entre as possíveis fontes de ameaça à vinda do papa Francisco ao Brasil na próxima semana, somente a ação de ‘grupos de pressão’ mereceu o alerta vermelho da Agência Brasileira de Inteligência (Abin)...Parece prevalecer na declaração e nas atitudes do Vaticano, ainda assim, a percepção de que os manifestantes, no exercício pacífico de seu direito não representam ameaça, nem podem ser confundidos com criminosos. (Folha de São Paulo, Edição 18 de julho de 2013)

A grande repercussão das manifestações é um fato a ser considerado na frequência da aparição desse tema, pois foi um assunto que abrangeu população e governo do Brasil. Devido a intensa participação popular e a administração federal ser o foco das manifestações, o jornal *Folha de São Paulo* dedicou um elevado número de colunas e editoriais para o tema, mesmo que as manifestações apareçam unidas a outros assuntos.

Os outros temas que também apareceram nas edições da Folha ao longo do mês de junho foram a economia brasileira e a administração do governo federal da presidente Dilma Rousseff. A economia brasileira é o assunto das colunas *A má notícia nossa de cada dia* (4 de junho) de Eliane Cantanhêde, *Montanha-Russa* (7 de junho) de Eliane Cantanhêde, *Apertem os cintos* (17 de junho) de Valdo Cruz, *No colo de Dilma* (21 de junho) de Eliane Cantanhêde.

Elas coincidiram com os editoriais *Alta credibilidade*, *Plano para Dilma*, *Trégua cambial*, *Gradual e inseguro*, *Otimismo consumido*, *Não é só pelo dinheiro*, publicados respectivamente nos dias 1 de junho, 2 de junho, 6 de junho, 12 de junho, 28 de junho e 29 de junho.

Colunas da <i>Folha de São Paulo</i>	Editoriais da <i>Folha de São Paulo</i>
Todo dia é dia de má notícia na economia.	O Brasil é o único país de relevância que os juros se encontram em ascensão.
Falta rumo, falta direção, falta planejamento estratégico na condução da economia.	O Brasil corre o risco de ser escanteado nos grandes acordos mundiais.
As previsões indicam riscos de turbulência no ar.	A redução do fluxo de capitais vai dificultar o retorno da economia a um ritmo apreciável de crescimento.
Dilma torrou todo o patrimônio político, econômico e social que herdou de Lula.	Mantega ainda se gaba por uma ‘nova matriz econômica’.

A presidente Dilma Rousseff e o governo federal estão presentes nas colunas *Meio cheio, meio vazio* (3 de junho) de Valdo Cruz, *Virtudes e vícios da democracia* (4 de junho) de Hélio Schwartsman, *Estilo Dilma* (6 de junho) de Rogério Gentile, *Unindo o útil ao agradável* (6 de junho) de Eliane Cantanhêde, *Farol do Iluminismo* (9 de junho) de Hélio Schwartsman, *Sinais de alerta* (10 de junho) de Valdo Cruz, *Não será um passeio* (11 de junho) de Eliane Cantanhêde, *No alvo, os palácios* (18 de junho) de Eliane Cantanhêde, *A revolução do tomate* (23 de junho) de Eliane Cantanhêde, *O apelo de Dilma* (24 de junho) de Valdo Cruz, *O poder se coça* (25 de junho) de Eliane Cantanhêde, *Pés pelas mãos* (26 de junho) de Hélio Schwartsman, *Políticos de tocaia* (26 de junho) de Fernando Rodrigues, *Dilma em chamuscas* (30 de junho) de Eliane Cantanhêde, *Ganhando tempo* (30 de junho) de Carlos Heitor Cony.

Essas colunas têm o mesmo tema dos editoriais *Turbulência á frente*, *Aviso aos navegantes*, *Mensagem bem-vinda*, publicados nos dias 9 de junho, 14 de junho, 23 de junho respectivamente.

Colunas da <i>Folha de São Paulo</i>	Editoriais da <i>Folha de São Paulo</i>
Dilma gasta mais tempo com detalhes da administração do que com os rumos do país.	A estrela da administração Dilma terá esmaecido, ainda que temporariamente. Dilma perdeu algum crédito com parte do público.
Dilma chacoalhou demais o barco brasileiro, provocando queda na sua popularidade.	Dilma perdeu algum crédito com parte do público.
Dilma fez propaganda de boa gerente, mas a economia nunca pareceu funcionar devidamente.	Dilma Rousseff e seu governo precisará demonstrar com resultados que é capaz de levar o país a bom porto.
Dilma entrou mal em 2013, em autoconfiante com os recordes nas pesquisas, surda para o baixo crescimento econômico.	Dilma demonstrou discernimento e equilíbrio ao extrair lições dos protestos.

Alguns temas como a espionagem internacional, a Copa das Confederações de futebol de 2013, o programa Mais Médicos, o governo de São Paulo, as manifestações

populares na Turquia são divulgadas nas colunas e editoriais. Entretanto, sua frequência foi ofuscada por os outros temas porque dentro da pesquisa o mês de junho foi atípico no jornal. Em virtude das manifestações populares e o centro de críticas das manifestações serem o governo federal, sua presidente e os setores que formam o país como a economia, educação, saúde, entre outros, o jornal variou menos os temas das colunas e editoriais nesse mês.

5.9- Editoriais e colunas de julho

As colunas do mês de julho de 2013 tiveram a presidente Dilma Rousseff como tema foram os textos *O grande embuste* (1 de julho) de Ricardo Balthazar, *Zonzo e dividido* (1 de julho) de Valdo Cruz, *Marketing padrão Fifa* (2 de julho) de Vera Magalhães, *“Catarse temporária”* (2 de julho) de Eliane Cantanhêde, *Dilma e o padrão Felipão* (3 de julho) de Fernando Rodrigues, *Errar na política é fatal* (6 de julho) de Fernando Rodrigues, *Fadiga material* (8 de julho) de Valdo Cruz, *Terra de cegos* (9 de julho) de Vera Magalhães, *Fracassos em série* (10 de julho) de Fernando Rodrigues, *Os riscos do ‘volta’ Lula* (11 de julho) Rogério Gentile, *Bom para Dilma não é* (12 de julho) de Eliane Cantanhêde, *Sem refresco* (15 de julho) de Valdo Cruz, *‘Ambiente de pessimismo’* (18 de julho) de Eliane Cantanhêde, *Uma reforma para Dilma* (19 de julho) de Vera Magalhães, *Remanso para Dilma* (20 de julho) de Fernando Rodrigues, *O recado de Dilma* (22 de julho) de Ricardo Balthazar, *Discurso errado na hora errada* (23 de julho) de Eliane Cantanhêde.

Os editoriais *Fora de compasso* e *Com apenas um veto* divulgados respectivamente nos dias 6 de julho, 29 de julho também tem como tema a presidente do Brasil são os que coincidem os temas com as colunas.

Colunas da Folha de São Paulo	Editoriais da Folha de São Paulo
Dilma deveria abandonar a ideia de mudar as regras do jogo eleitoral.	A presidente se equivocou ao anunciar a proposta de uma constituinte visando a reforma política.
Dilma finge tranquilidade e difunde seu discurso ensaiado.	Decisões do governo federal são tomadas ao sabor dos acontecimentos, sem obedecer a uma estratégia clara.
Dilma está perigosamente perto da taxa máxima de erros na política	Já é hora do governo tomar as medidas necessárias para restaurar a confiança e

	recolocar o país nos trilhos.
Dilma despenca nas pesquisas e faz esforço enorme para mostrar que tudo está ótimo.	O veto de Dilma no fim da multa adicional do FGTS expõe os efeitos de anos de imprudência financeira e improviso na administração pública.
Foi a presidente de expressão arrogante, num momento que está acuada, precisa se justificar e lutar para recuperar sua popularidade.	A incúria governamental cria mais distorção tributária

A economia brasileira e a presidente também aparecem como temas das colunas *A brava nota* (12 de julho) de Ruy Castro, *Inconveniência* (27 de julho) de Renato Andrade, *Afiando as unhas* (28 de julho) de Eliane Cantanhêde. Os editoriais *Frustração Industrial*, *Combater a inflação*, *Investimento incerto*, *Ajuste de contas*, *Nova etapa*, *Mudança de sinal* mostrados no periódico nos dias 3 de julho, 9 de julho, 16 de julho, 20 de julho, 22 de julho, 25 de julho respectivamente tiveram a economia brasileira como tema.

Colunas da <i>Folha de São Paulo</i>	Editoriais da <i>Folha de São Paulo</i>
Dilma conseguiu a proeza de agregar à lista de elogios a pecha de espetar nas empresas uma conta indevida.	As previsões de crescimento começam em alta, mas com o passar dos meses e a inépcia do governo corroem o otimismo.
O Brasil só voltará a crescer em ritmo razoável se os investimentos forem desengavetados.	O governo precisa emitir sinais claros e coerentes a respeito de seus objetivos.
A geração de empregos, centro do discurso otimista de Dilma começa a sentir o peso do PIB baixo.	Dilma havia estabelecido que pouparia o equivalente a 2,3% do PIB. Desde então procura descobrir onde cortar para atingir a meta.
O número dos que aprovam o governo é menor dos que o aprovam.	Governo é imprudente nos gastos públicos e leniente com a inflação, entre outras áreas.

Outros temas aparecem de forma isolada dentro do mês de julho, com apenas uma coluna e um editorial com o assunto semelhante. Os temas foram o empresário Eike Batista, a Educação no Brasil, o Programa Mais Médicos, o programa de computador Facebook, os eventos internacionais que serão realizados no Brasil e o IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios).

Após o auge das manifestações do mês de junho, o jornal Folha de São Paulo e seus colunistas também dedicaram textos tratando das manifestações populares. Entretanto, os protestos estiveram unidos a vinda do papa Francisco ao Brasil. As colunas *O papa ouviu as ruas* (18 de julho) de Paula Cesarino Costa, *‘Um certo cardinale...’* (21 de julho) de Carlos Heitor Cony, *Francisco e as ruas* (22 de julho) de Valdo Cruz, *Unidade na diversidade* (22 de julho) de Ruy Castro, *Vencemos para isso ?* (26 de julho) de Eliane Cantanhêde, *Santa exclamação* (26 de julho) de Ruy Castro, *O papa e o povo* (28 de julho) de Eliane Cantanhêde, *O valor da palavra* (29 de julho) de Valdo Cruz, *Receita de mãe* (30 de julho) de Carlos Heitor Cony.

Os editoriais que se assemelham as colunas são *Protestar não é pecado*, *Filhos de Francisco*, *Santa Falha*, *O papa simples* publicados pelo jornal *Folha de São Paulo* nos dias 18 de julho, 21 de julho, 27 de julho e 30 de julho respectivamente, citam as manifestações populares e a vinda do papa ao Brasil seja aparecendo somente um dos dois temas dentro de um único texto, ou mesmo os dois temas dentro da coluna ou do editorial.

Colunas da <i>Folha de São Paulo</i>	Editoriais da <i>Folha de São Paulo</i>
Os protestos esperados deixam em alerta máximo a segurança papal.	O erro no trajeto da comitiva de Francisco expôs o pontífice a um risco imponderável.
A vinda do papa pode ser uma oportunidade de transformações na vida de católicos e eleitores	A polícia se mostra despreparada, pois no Rio se repetiram os confrontos verificados desde os protestos de junho.
Na chegada do papa no trajeto entre o Galeão e a catedral falhou tudo.	As possíveis ameaças à visita do papa, somente a ação dos grupos de pressão mereceu o alerta vermelho da ABIN.
Uma despesa fenomenal foi feita no local onde seria da acolhida oficial do papa.	

5.10- Editoriais e colunas de agosto

O mês de agosto teve como temas de diversas colunas e editoriais novamente a presidente Dilma Rousseff e sua administração no governo federal. Dilma é destacada nas colunas *Quem não chora não mama* (1 de agosto) de Eliane Cantanhêde, *O recuo nosso de cada dia* (2 de agosto) de Eliane Cantanhêde, *O governo tem o que mostrar* (5 de agosto) de Vinicius Mota, *Até ET de Varginha* (8 de agosto) de Eliane Cantanhêde, *Os ventos* (9 de agosto) de Eliane Cantanhêde, *Segurando a onda* (11 de agosto) de Eliane Cantanhêde, *Fogo de palha* (12 de agosto) de Valdo Cruz, *Até agora, vazia* (13 de agosto) de Eliane Cantanhêde, *Gol contra* (18 de agosto) de Carlos Heitor Cony, *'Easy rider'* (24 de agosto) de Fernando Rodrigues, *Escapadas* (26 de agosto) Ruy Castro.

Os editoriais que coincidem com o tema são *Alívio temporário*, *Raízes frágeis*, *Ironias da oposição*, divulgados pelo jornal nos dias 11 de agosto, 19 de agosto, 27 de agosto respectivamente.

Colunas da <i>Folha de São Paulo</i>	Editoriais da <i>Folha de São Paulo</i>
Dilma abriu as burras para as emendas parlamentares.	As manifestações não poderiam deixar de impor à avaliação de Dilma Rousseff um severo golpe.
Foi um alívio Dilma sancionar sem vetos a lei que apara a mulher estuprada.	Depois de uma sequência de más notícias, o Planalto pode ostentar um número positivo: a inflação do mês de junho de 0,03% é a menor dos últimos três anos.
Dilma continue dura com os críticos e contra as cobranças.	
A viagem de Dilma aos EUA será tão irrelevante quanto à que Obama fez ao país.	
Dona Dilma aparece em vários lugares dizendo que está tudo nos conformes. Acho que perdeu um pouco de seu rebolado.	

A economia brasileira apareceu junto as colunas *Furtando as vozes futuras* (5 de agosto) de Valdo Cruz, *Cartéis do Abrantes* (13 de agosto) de Carlos Heitor Cony, *Conversão duvidosa* (26 de agosto) de Valdo Cruz.

Assim como no mês de julho, houve mais editoriais do que colunas com a economia como tema dos textos. Os editoriais *Agosto de risco*, *Celebração inflacionária*, *Controle mambembe*, *Cenário perigoso*, *Fim de festa*, *Tranquilizante cambial*, publicados nos dias 1 de agosto, 9 de agosto, 16 de agosto, 20 de agosto, 22 de agosto, 24 de agosto respectivamente, comprovam o maior número dos editoriais em relação as colunas dentro do mês de agosto.

Colunas da <i>Folha de São Paulo</i>	Editoriais da <i>Folha de São Paulo</i>
Inundar o mercado de dinheiro gera danos na economia, pressiona a inflação e desvaloriza o dólar.	Já não são poucos os sinais de deterioração da economia brasileira na gestão de Dilma Rousseff.
Indagação reveladora do nível de dúvida reinante sobre o empresariado e os economistas de como o governo fará para corrigir seus equívocos.	Anos de má gestão macroeconômica contribuíram sobremaneira para o recurso desinformado e desesperado aos remendos dos controles de preço.
A teimosia de Dilma fará o país crescer muito pouco em seu mandato	O governo Dilma Rousseff parece não ter se dado conta de que as dificuldades se avolumam.

O julgamento do mensalão e o STF (Supremo Tribunal Federal) estiveram presentes nas colunas *Corrupção é corrupção* (15 de agosto) de Eliane Cantanhêde, *Chicana não* (16 de agosto) de Eliane Cantanhêde, *Aos leões* (18 de agosto) de Eliane Cantanhêde, *Supremacia do Supremo* (20 de agosto) de Carlos Heitor Cony, *Pelo bate-boca* (21 de agosto) de Hélio Schwartzman, *Dimensão institucional* (22 de agosto) de Eliane Cantanhêde, *Jabuticaba no banco dos réus* (23 de agosto) de Eliane Cantanhêde.

Assim como as colunas, os editoriais *Mensalão, de novo*, *O tribunal se encolhe*, *Atalhos na justiça*, das edições dos dias 15 de agosto, 17 de agosto, 24 de agosto, respectivamente, também tratam do mesmo assunto.

Colunas da <i>Folha de São Paulo</i>	Editoriais da <i>Folha de São Paulo</i>
Jogar a batata quente de lá para cá não resolve a questão central de que há	Não se trata de um remédio para todos os males da política, mas um sinal de

compra de votos.	combate a impunidade.
O presidente da corte não pode acusar um colega de fazer ‘chincana’. É preciso respeito e compostura.	Péssimas situações, a atrair pela sensação barata, os olhares da plateia para um espetáculo que se prorroga de modo exasperante.
Pessoas veem o julgamento como divisor de águas entre o Brasil de antes e depois do Mensalão.	

A espionagem internacional sofrida pelo governo brasileiro também ganhou destaque do jornal nas colunas *Domar o Leviatã* (20 de agosto) Hélio Schwartzman, *Bode na sala* (20 de agosto) de Eliane Cantanhêde, e os editoriais, *Discutir a relação*, *Detenção sob suspeita*, publicados respectivamente nos dias 13 de agosto, 20 de agosto, se assemelham as colunas.

Colunas da <i>Folha de São Paulo</i>	Editoriais da <i>Folha de São Paulo</i>
Governo Dilma deve agir com mais firmeza no caso de espionagem internacional.	As relações entre Brasília e Washington não atravessavam bom momento em vários aspectos, ficaram prejudicadas após as denúncias de espionagem.
As relações entre Brasil e EUA vão bem em diferentes áreas, mas os dois lados devem priorizar as questões pontuais.	O desafio de Dilma é separar a reação dura e protocolar da necessidade de avançar em outros pontos da agenda, principalmente os de natureza econômica.

As manifestações populares, o programa mais médicos, a educação no Brasil, o caso da fuga do senador boliviano Roger Molina, a adesão da Universidade de São Paulo (USP) ao Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), também tiveram um número de colunas e editoriais com esse tema. Porém, quando comparado aos outros temas citados anteriormente tem um número bem irrisório perto dos outros temas mais destacados no mês de agosto pelo periódico.

Considerações Finais

Ao termino da pesquisa algumas questões puderam ser respondidas. Por meio das teorias do jornalismo opinativo e as classificações dos formatos opinativos, foi possível enxergar a diferença de dos tipos de texto. Seja por sua estrutura, estilo de texto, a opinião se manifesta explicitamente quando se percebe a maneira como são escritos os textos.

Os fatos ocorridos durante sua história da *Folha de São Paulo* proporcionam uma noção da preocupação do jornal em se posicionar perante a sociedade a respeito de um fato. Em cada mudança de direção do jornal, seu conteúdo é direcionado de acordo com os interesses de seus comandantes, e isso é refletido nas páginas do periódico.

Quanto aos editoriais, e seguindo a definição de Luiz Beltrão, de que o editorial não é a opinião do jornal, mas sim um consenso das opiniões que dirigem o jornal, a *Folha* se encaixa nessa definição. Devido ao fato de que os editoriais abrangem os mais variados temas, não se restringindo a temas mais específicos como as colunas.

Os editoriais da *Folha* proporcionam mais profundidade a um fato por serem mais extensos que as colunas, possuem mais argumentos para o embasamento de seu ponto de vista, terem mais profissionais responsáveis por sua confecção (segundo Beltrão) também contribui para que o posicionamento fique mais evidente e convincente quando publicado.

Já no caso das colunas, seu estilo de texto peculiar de seu ator faz com que elas sejam mais específicas, normalmente de um assunto em que o colunista domina perfeitamente. Na *Folha*, o estilo pessoal de cada colunista fica evidente quando ele une um tema cotidiano ou mesmo no passado dentro de um mesmo texto. Mostrando a liberdade textual que o periódico em questão delega aos seus profissionais.

As colunas das sucursais da *Folha* aparecem em sua maioria comentam sobre os assuntos locais, isto é, das cidades que são escritas essas colunas. Mesmo com a alternância dos colunistas ao longo das semanas, o colunista de cada localidade proporciona mais destaque aos assuntos de sua cidade.

Existiram temas que coincidiram entre as colunas e os editoriais. Suas publicações não obedeceram a ordem que o editorial vem primeiro falando do assunto, ou mesmo a coluna aborda primeiro o tema do que o editorial. Dependendo da repercussão no assunto e sua importância na sociedade, ambos os textos comentam sobre ele, sem que os dois textos tenham os mesmos argumentos.

As manifestações de junho foram frequentes na pesquisa. Sua grande comoção nacional fez com que o jornal dedicasse um número muito elevado de colunas e editoriais sobre o tema, e que, em nenhum outro assunto teve tantos textos a respeito dele. Em virtude disso o mês de junho (o auge desses atos populares) e o mês de julho (influências que o término das manifestações provocaram) fez com que a cobertura do jornal nessa página de opinião apresentasse grande número de textos.

O mês de maio e o mês de agosto foram semelhantes no que diz respeito a variância de temas. Comparando aos meses de junho e julho, maio e agosto ilustram mais a proposta da *Folha* e de seu Manual de Redação de fazer um jornalismo crítico, pluralista e apartidário, pelo motivo que os editoriais abrangem os mais diversos temas, e as colunas com seu estilo pessoal do colunista fazem com que os diversos assuntos sejam destacados dentro do periódico.

Quanto ao conteúdo dos editoriais e colunas publicadas pela *Folha*, algumas divergências de opiniões foram encontradas, principalmente nos temas em que o periódico dedicou mais textos, os argumentos dos editorialistas e colunistas divergiram em alguns pontos. Exemplo disso são as publicações sobre economia, a presidente Dilma Rousseff e as manifestações populares.

Embora os colunistas tenham liberdade de escolher os assuntos que desejam falar em seus textos, quando há a coincidência temática entre o editorial da *Folha de São Paulo* e o assunto da coluna, foi verificado que os argumentos dos dois textos divergem em poucos pontos, com a vantagem do editorial ter mais espaço e conseqüentemente poder abranger e explicar melhor um tema, utilizando de mais argumentos, referências que complementam suas opiniões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **A Análise de Conteúdo**; tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70. 2011.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre (RS): Editora Sulina, 1980.

CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**. 2ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2012.

LAGO, Cláudia; ROMANCINI, Richard. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Editora Insular. 2007.

Manual da Redação: Folha de S. Paulo. São Paulo: Publifolha, 2008.

MARQUES DE MELO, José. **Gêneros Jornalísticos na Folha de São Paulo**. São Paulo (SP): Editora FTD, 1992.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinitivo: Gêneros opinativos no Jornalismo Brasileiro**. 3ª Edição. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira. 2003.

MOTA, Carlos Guilherme e CAPELATO, Maria Helena. **História da Folha de São Paulo (1921-1981)**, São Paulo, IMPRES, 1981.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 7. ed., 2ª reimpressão. — São Paulo: Contexto, 2008. Acessado em <http://www.espocc.org.br/wp-content/uploads/2011/07/Ricardo-Noblat-A-Arte-de-fazer-um-jornal-di%C3%A1rio.pdf>

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Mauad, 4ª Edição, 1999.

Dissertações

GOMES, Marília Miranda Forte, **Desde antes do nascimento até muito além da morte. Uma análise de conteúdo das dissertações e teses defendidas nos primeiros 25 anos do programa de pós-graduação em demografia do Cedeplar\UFMG**. Marília Miranda Forte Gomes, Vanessa Lima Caldeira Francescini, Paula Miranda-Ribeiro.- Belo Horizonte: UFMG\Cedeplar, 2009. Disponível em: < <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20378.pdf> >

Links

Colunistas da Folha. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunistas/h.shtml>>. Acessado em 8 de outubro de 2013.

Colunista Hélio Schwartzman. Disponível em: <
<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/> > Acessado em 8 de outubro
de 2013.

História da Folha. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm >

Manual de Produção Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_producao_p.htm. Acessado em 8
de outubro de 2013.

Manual da Redação. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm >. Acessado em 8 de
outubro de 2013.

Perfil de Alan Gripp. Disponível em <
<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=12498> > Acessado em 6 de
janeiro de 2014.

Perfil de Carlos Heitor Cony. Disponível em: <<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=43> > .Acessado em 6 de janeiro de 2014

Perfil de Cláudia Collucci. Disponível em: <
<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=92> > Acessado em 6 de janeiro
de 2014.

Perfil de Eliane Cantanhêde: Disponível em: <
<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=11947> > . Acessado em 6 de
janeiro de 2014.

Perfil de Fernando Rodrigues. Disponível em: <
<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=132> > . Acessado em 6 de
janeiro de 2014

Perfil de Gustavo Patu. Disponível em: <
<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=4726> > Acessado em 6 de janeiro de 2014.

Perfil de Igor Gielow. Disponível em: <
<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=13863> > Acessado em 6 de janeiro de 2014.

Perfil de Marco Aurélio Canônico: Disponível em:
< <http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=11887> > Acessado em 6 de janeiro de 2014.

Perfil de Paula Cesarino Costa. Disponível em: <
<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=14184> > Acessado em 6 de janeiro de 2014.

Perfil de Rogério Gentile. Disponível em: <
<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=14696> > Acessado em 6 de janeiro de 2014.

Perfil de Ruy Castro. Disponível em: <
<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=13058> > Acessado em 6 de janeiro de 2014.

Perfil de Sérgio Dávilla. Disponível em <
<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=9487> > Acessado em 6 de janeiro de 2014.

Perfil de Valdo Cruz. Disponível em: <
<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=4741> > Acessado em 6 de janeiro de 2014.

Perfil de Vera Magalhães. Disponível em: <
<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=1121> > Acessado em 6 de
janeiro de 2014.

ANEXOS

**Edições do jornal Folha de São Paulo dos dias 1 de maio de 2013 a 31 de
agosto de 2013.**